



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIA E MATEMÁTICA**

**MARIA TÂNIA GOMES LIMA**

**O TEATRO-FÓRUM NA BUSCA DE TEMAS GERADORES: UMA PROPOSTA DE  
ENSINO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)**

**UBERLÂNDIA**

**2023**

**MARIA TÂNIA GOMES LIMA**

**O TEATRO-FÓRUM NA BUSCA DE TEMAS GERADORES: UMA PROPOSTA DE  
ENSINO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciência e Matemática da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Ensino e Aprendizagem em Ciência e Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Adevailton Bernardo dos Santos.

**UBERLÂNDIA**

**2023**

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU  
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

L732 2023	<p>Lima, Maria Tânia Gomes, 1971- O TEATRO-FÓRUM NA BUSCA DE TEMAS GERADORES: UMA PROPOSTA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) [recurso eletrônico] : UMA PROPOSTA DE ENSINO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) / Maria Tânia Gomes Lima. - 2023.</p> <p>Orientador: Adevailton Bernardo Dos Santos. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática. Modo de acesso: Internet. Disponível em: <a href="http://doi.org/10.14393/ufu.di.2023.245">http://doi.org/10.14393/ufu.di.2023.245</a> Inclui bibliografia. Inclui ilustrações.</p> <p>1. Ciência - Estudo ensino. I. Santos, Adevailton Bernardo Dos, 1967-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 50:37</p>
--------------	---

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:  
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091  
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática  
 Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 1A, Sala 207 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902  
 Telefone: (34) 3230-9419 - www.ppgecm.ufu.br - secretaria@ppgecm.ufu.br



### ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Ensino de Ciências e Matemática				
Defesa de:	Mestrado Profissional / PPGECEM				
Data:	26/04/2023	Hora de início:	14:30	Hora de encerramento:	17:40
Matrícula do Discente:	12012ECM015				
Nome do Discente:	Maria Tânia Gomes Lima				
Título do Trabalho:	O Teatro-Fórum na busca de temas geradores: uma proposta de ensino na Educação de Jovens e Adultos (EJA)				
Área de concentração:	Ensino de Ciências e Matemática				
Linha de pesquisa:	Ensino e Aprendizagem em Ciências e Matemática				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	A Interdisciplinaridade em Ciências da Natureza e Matemática				

Reuniu-se no Anfiteatro do Bloco 50C, Campus Santa Mônica, da Universidade Federal de Uberlândia e via videoconferência a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática, assim composta: Professores Doutores: Adevailton Bernardo dos Santos - INFIS/UFU, orientador da candidata; Cristiane Coppe de Oliveira - ICENP/UFU; Camila Lima Coimbra - FACED/UFU e Cristina Garcia Palhares Viso - Escola Estadual Profa. Juvenília Ferreira dos Santos.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Dr. Adevailton Bernardo dos Santos, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, às examinadoras, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

**Aprovada.**

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Camila Lima Coimbra, Professor(a) do Magistério Superior**, em 02/05/2023, às 10:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Cristiane Coppe de Oliveira, Professor(a) do Magistério Superior**, em 02/05/2023, às 10:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Cristina Garcia Palhares Viso, Usuário Externo**, em 03/05/2023, às 16:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Adevalton Bernardo dos Santos, Professor(a) do Magistério Superior**, em 03/05/2023, às 18:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4446558** e o código CRC **D99E268A**.

---

**MARIA TÂNIA GOMES LIMA**

**O TEATRO-FÓRUM NA BUSCA DE TEMAS GERADORES: UMA PROPOSTA DE  
ENSINO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciência e Matemática da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Ensino e Aprendizagem em Ciência e Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Adevailton Bernardo dos Santos.

Uberlândia, 26 de abril de 2023.

Banca examinadora:

---

Adevailton Bernardo dos Santos – INFIS/UFU

---

Camila Lima Coimbra – FACED/UFU

---

Cristiane Coppe de Oliveira – ICENP/UFU

---

Cristina Garcia Palhares Viso – E.E.P. JUVENILHA FERREIRA DOS SANTOS

## **DEDICATÓRIA**

Dedico o presente trabalho ao meu esposo Lourival e às minhas filhas Bruna e Lorena, e também à pequena Isabella, que me apoiaram e tiveram compreensão dos momentos em que me ausentei para trabalhar no projeto desta dissertação do Mestrado.

Agradeço aos meus pais Júlio Dário e Lázara pela confiança em meu potencial e pelo apoio incondicional, dando-me condições para prosseguir nessa empreitada.

Também sou imensamente grata ao meu professor-orientador Adevailton Bernardo dos Santos pelos seus apontamentos imprescindíveis.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por sempre estar presente em minha vida, estimulando a minha fé e me dando forças para superar os obstáculos.

Ao Professor Adevailton Bernardo dos Santos pela intensa contribuição acadêmica durante a realização e concretização desta dissertação. Sem você, este trabalho não seria realizado. Muito obrigada!

A todos os professores do PPGECM, em especial à professora-doutora Cristiane Coppe que durante o Mestrado me ajudou muito com suas atividades e contribuiu grandemente para a realização deste trabalho me instigando com suas ideias.

Aos amigos da Equipe de Ateliê de Montagem, Ernane Fernandes do Nascimento, Kennedy Rosa da Costa, Yasmin Sabrine Alves Barbosa, Flávia Cristina Gomes de Oliveira, João Victor Vando Gonzaga Pereira e Aidelene do Amaral. Tenho muita gratidão a todos pela disposição em participar da peça teatral.

Aos meus queridos colegas discentes tanto pela inspiração para realizar meu projeto de pesquisa como pela incomensurável dedicação durante as atividades na aplicação do produto educacional resultante das pesquisas realizadas ao longo desses dois anos e meio de estudos no PPGECM.

Ao meu amado esposo Lourival pelo apoio, compreensão e incentivo.

Às minhas filhas, que são meu tesouro mais precioso e minha fonte de energia para viver.

Aos meus pais Júlio Dário e Lázara e a toda minha família por não me deixarem desistir desse sonho.

Aos meus colegas mestrandos da turma de 2020 do PPGECM. Sem a ajuda e a colaboração de todos, eu não teria tido forças para trilhar os caminhos sinuosos da educação.

Muito obrigada!

## RESUMO

Inúmeros são os desafios encontrados na educação, principalmente quanto à Educação de Jovens e Adultos (EJA), onde predominam o baixo rendimento e a elevada evasão escolar. Neste contexto, o docente enfrenta o desafio de construir práticas que propiciem aos estudantes um maior envolvimento com a disciplina e, ao mesmo tempo, uma visão mais crítica da realidade. A proposta deste trabalho está em conformidade com a pedagogia de Paulo Freire (2009), a qual contribui de forma inovadora ao trazer os temas geradores como método de desalienação e aprendizado à educação. Ainda, a presente pesquisa está de acordo com a proposta de Augusto Boal (2005), que se fundamenta no caráter social transformador libertador e apresenta a metodologia do “Teatro do Oprimido”, que desenvolve um método cênico pedagógico. As duas obras apresentam um posicionamento ético-político de transformação social, pelo viés da educação e da cultura. Assim, considera-se pertinente um estudo que evidencie as aproximações destes dois campos de atuação, buscando-se os temas geradores mediante o Teatro-fórum. O objetivo da pesquisa foi desenvolver uma proposta para o ensino da EJA por meio do Teatro-fórum de Augusto Boal (2005) a fim de extrair o tema gerador de Paulo Freire (2009). Neste trabalho foram abordados alguns dos aspectos sobre como o Teatro-fórum auxilia na definição do tema gerador, além de abrir possibilidades de construir uma visão da realidade escolar, compreender o lado pessoal de cada estudante, e o contexto no qual ele está inserido, com o propósito de encontrar soluções viáveis para uma melhor aprendizagem e um melhor rendimento escolar. A realização do projeto ocorreu em cinco momentos: a primeira foi uma roda de conversa; a segunda, a aplicação de um questionário socioeconômico; a terceira, sugestões de temas para o roteiro da peça; a quarta, a execução da peça do Teatro-fórum, que foi gravada em vídeo; a quinta, uma roda de conversa para analisar criticamente a extração do tema gerador. O vídeo da peça, juntamente com um guia instrutivo, é o produto educacional do trabalho, o qual intitula-se: *Teatro Fórum: Roteiro de uma proposta na Educação de Jovens e Adultos*. O resultado associou o Teatro Fórum na definição do tema gerador, extraído da comunidade estudantil em questão, com intuito de promover um ensino mais significativo e de maior relevância aos estudantes.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos. Teatro do oprimido. Tema Gerador. Ensino.

## ABSTRACT

There are countless challenges found in education, mainly regarding Youth and Adult Education (EJA), where low performance and high school dropouts predominate. In this context, teachers face the challenge of building practices that provide students with greater involvement with the discipline and, at the same time, a more critical view of reality. The purpose of this work is in line with the pedagogy of Paulo Freire (2009), which contributes in an innovative way by bringing the generative themes as a method of disalienation and learning to education. Still, this research is in accordance with the proposal of Augusto Boal (2005), which is based on the liberating transforming social character and presents the methodology of the “Theatre of the Oppressed”, which develops a scenic pedagogical method. The two works present an ethical-political positioning of social transformation, through the bias of education and culture. Thus, it is considered relevant to carry out a study that highlights the similarities between these two fields of action, seeking the generating themes through Forum Theater. The objective of the research was to develop a proposal for the teaching of EJA through the Teatro-forum of Augusto Boal (2005) in order to extract the generating theme of Paulo Freire (2009). In this work, some of the aspects about how the Theater-forum helps in the definition of the generating theme were addressed, in addition to opening possibilities to build a vision of the school reality, to understand the personal side of each student, and the context in which he is inserted, with the purpose of finding viable solutions for better learning and better school performance. The project took place in five moments: the first was a conversation circle; the second, the application of a socioeconomic questionnaire; the third, suggestions of themes for the script of the play; the fourth, the execution of the play by Teatro-forum, which was recorded on video; the fifth, a conversation wheel to critically analyze the extraction of the generating theme. The video of the play, together with an instructional guide, is the educational product of the work, which is entitled: Teatro Forum: Script for a proposal in the Education of Young People and Adults. The result associated Teatro Fórum in the definition of the generating theme, extracted from the student community in question, with the aim of promoting a more meaningful and relevant teaching for students..

**Keywords:** Youth and Adult Education. Theater of the Oppressed. Theme Generator. Teaching.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas .....	44
Figura 2 – Relato de uma estudante na atividade do 1º momento do trabalho.....	53
Figura 3 – Relato de um estudante na atividade do 1º momento do trabalho .....	54
Figura 4 – Relato de um estudante na atividade do 1º momento do trabalho .....	54
Figura 5 – Análise gráfica dos resultados do questionário aplicado no 2º momento .....	55
Figura 6 – Fotografia da roda de conversa na atividade do 3º momento .....	57
Figura 7 – Fotografia da apresentação da peça: Um problema (ou mais).....	58
Figura 8 – Relato de estudantes na atividade do 4º momento do trabalho .....	60
Figura 9 – Fotografia da roda de conversa na atividade do 5º momento do trabalho .....	61
Figura 10 – Relato de estudantes na atividade do 5º momento do trabalho.....	62

## SUMÁRIO

1 MINHA HISTÓRIA .....	10
2 INTRODUÇÃO.....	15
2.1 Educação de Jovens e Adultos (EJA) .....	16
2.2 A dialogicidade como forma de emancipação na EJA .....	18
2.3 Teatro do Oprimido .....	19
2.4 Pedagogia do Oprimido.....	21
3 OBJETIVOS.....	24
3.1 Objetivo Geral .....	24
3.2 Objetivos Específicos .....	24
4 REFERENCIAL TEÓRICO .....	25
4.1 Conhecendo a EJA .....	25
4.2 O contexto de Paulo Freire .....	28
4.2.1 A escola tradicional e a educação libertadora.....	29
4.2.2 O ser humano freireano .....	33
4.2.3 A dialogicidade.....	35
4.2.4 A politicidade.....	38
4.2.5 Temas Geradores: uma proposta para o ensino. ....	40
4.3 O Teatro do Oprimido .....	42
4.3.1 A estética da árvore de Boal .....	43
4.3.2 O Teatro-fórum.....	45
4.4 Paulo Freire e Augusto Boal – Entre o Teatro e a Educação.....	46
5 METODOLOGIA.....	50
6 RESULTADOS E DISCUSSÕES .....	53
6.1 Primeiro Momento: roda de conversa.....	53
6.2 Segundo Momento: resultados gráficos socioeconômicos-culturais .....	54

6.3 Terceiro Momento: temas para criação do roteiro.....	57
6.4 Quarto Momento: a peça – Um problema (ou mais) .....	58
6.5 Quinto Momento: debate final.....	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	64
REFERÊNCIAS .....	67
APÊNDICES .....	70
Apêndice A: Roteiro da peça do Teatro-fórum (Autores: Cia Teatro Ernane Fernandes) .....	70
Apêndice B: Questionário para pesquisa.....	75
Apêndice C: Guia Educacional .....	78

## 1 MINHA HISTÓRIA

“A educação por si só não faz do pensamento uma ramificação de saberes, mas a contingência de relações ensino-aprendizagem abre um leque de possibilidades para esse fim.” (Maria Tânia)

Nasci em Itumbiara, uma cidade do interior de Goiás, onde morei até os sete anos de idade. Mudei para Uberlândia e tive uma infância amável, adorava brincar de professora, brincava na rua de carimbada, andava de bicicleta, era tudo muito mágico! Nos estudos, me cobrava muito desde pequena e sempre quis ser professora. Na época, minha vontade de estudar na escola Messias Pedreiro era quase um sonho, mas até então era apenas ensino médio. Quando abriu a oitava série, meus pais conseguiram uma vaga, e estudei até o terceiro ano do ensino médio. Amava a escola. Foi nela que comecei participar de peças de teatro, eu estava em todas.

Em 1988, houve um concurso de Miss Uberlândia. Meus professores me incentivaram a participar. Fiquei muito empolgada, mas não acreditava em algum sucesso futuro. Além disso, o meu pai era extremamente sistemático e não permitiria. Um tio meu o convenceu de me deixar participar, então consegui entrar nesse concurso tão badalado na época. Chega o grande dia. Na minha cabeça talvez ganhasse o terceiro lugar, mas quando anunciou a terceira classificada, fiquei triste, embora com expectativa de talvez ficar no segundo lugar. Mais uma vez o locutor anunciou a segunda classificada, e confesso que fiquei um pouco desanimada, mas ao mesmo tempo alegre por ter participado, o que já era o suficiente. Quando o locutor fez todo mistério para anunciar a primeira colocada, eu simplesmente não acreditei. Fui a Miss Uberlândia! Eu ganhei o concurso!

Depois do título, comecei gravar comerciais. Fiz algumas viagens para desfilas e, claro, sempre junto com meu pai. Recebi alguns convites para ir para São Paulo, mas ele não permitiu, pois não podia ir comigo. Não viajei, mas sempre fazia teatro na escola, gravava comerciais na cidade, estava sempre no meio artístico, que era a minha paixão.

Os anos se passaram, casei, tive minhas duas filhas e mesmo com crianças pequenas comecei a ministrar aulas particulares para uma garota que cursava o sétimo ano. As aulas perduraram até o segundo ano do ensino médio, já que no terceiro ano ela se mudou para outra cidade. Nessa época, percebi o quanto gostava dos números e o quanto tinha uma tendência a ensinar. Meu esposo me incentivou a voltar a estudar, pois via a paixão pelos números estampada em mim e o gosto de ensinar. Como sempre gostei de exatas, prestei o

vestibular e passei para licenciatura em Matemática na Universidade Federal de Uberlândia. Durante a graduação em 2010 entrei em uma escola de teatro e, em 2011, fui aprovada em um teste para ir ao Rio de Janeiro fazer figuração na novela Avenida Brasil da Rede Globo. Lá, outras propostas surgiram, mas tive que voltar para Uberlândia. Foi uma das melhores experiências que tive, e só não fiquei no Rio de Janeiro por causa da minha família e dos meus estudos, pois estava prestes a formar e apresentar meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Bom, para entender um pouco a particularidade do presente estudo, apresento aqui as minhas experiências em sala de aula, além das minhas expectativas, frustrações e motivações ao longo da minha carreira. A experiência como professora na rede de ensino estadual de Uberlândia situou-me por diversas vezes diante de situações que oportunizaram uma reflexão sobre o “bom professor” ou a “aula ideal”, e sempre questionando o porquê de os estudantes nunca estarem à mercê do real aprendizado.

Graduei-me em 2013 na Universidade Federal de Uberlândia no curso de Licenciatura em Matemática. As minhas experiências e crenças profissionais levavam a considerar que o método tradicional era uma das possibilidades ideais a ser desenvolvida na educação com práticas pedagógicas voltadas para o desenvolvimento do educando, mas de maneira enraizada no tradicionalismo, no rígido, no controlado, como, por exemplo, na organização da sala com carteiras enfileiradas, aulas expositivas e o silêncio absoluto.

A essa trajetória profissional divido em dois momentos, ou seja, de 2012 a 2017 eu era uma profissional totalmente voltada para o método tradicional, e a partir de 2018 desenvolvi uma nova perspectiva de ensino, uma busca pelo novo, novas estratégias e uma integração entre teoria e prática. Em 2018, ao ingressar em uma pós-graduação de Tecnologias e Mídias na Educação, com algumas disciplinas didáticas e estudar a teoria de Paulo Freire (2009), comecei a ter uma nova visão das práticas pedagógicas. O que era focado em um modelo sequencial, sendo uma etapa executada após a outra e sobre o que foi planejado, sempre com vistas ao resultado final, passou para assuntos históricos voltados para um contexto mais atual e que se encaixa com o cotidiano do estudante.

#### *As primeiras aulas como professora*

A partir da minha experiência em estágios priorizei o tradicionalismo, entendendo que quanto mais matéria expositiva e mais a turma permanecesse em silêncio, mais o professor

seria um excelente profissional. Quando estava no final da graduação lecionei em uma escola estadual como professora substituta em uma turma de sétimo ano.

Então o grande e tão esperado dia chegou. O momento de colocar em prática tudo o que aprendi no estágio, tudo o que faria e o que não faria. Estava convicta de que iria ser um diferencial na escola ou até mesmo na vida dos estudantes. Soou o sinal, fui extremamente feliz, mas, lógico, com aquele frio na barriga. Quando entrei na sala de aula, me apresentei e disse que ser professora da “melhor matéria”, o que os deixou curiosos. Apesar de estar muito empolgada, percebi que a conversa começou a se tornar inquietante e irritante. Tentei acalmar a turma, mas tudo em vão. Não foi uma experiência boa. Saí da aula muito triste e desanimada. Continuei com as aulas por 28 dias, que não pareciam ter fim. Cada dia saía da escola pensando em desistir, pois tudo o que imaginei parecia muito distante.

O tempo passou, o próximo ano chegou. Pensei em fazer diferente dessa vez, talvez ser mais enérgica. Consegui aulas no período noturno em turmas de Educação de Jovens e Adultos. A realidade era outra. Parecia que estava em outro ambiente, menos em uma sala de aula. Fiquei impactada com a diferença, pois o silêncio daquela turma me fascinou. Apaixonei! Agora sim, não desistiria jamais do que mais amo, que é ensinar. Fiquei 4 anos enchendo o quadro de conteúdo e exigindo silêncio. Eu me sentia a melhor professora, tinha até vontade de levar alguma atividade com tecnologias, ou algo diferente, mas sempre tinha desculpas, talvez por medo do novo, embora tivesse a sensação de que tinha muito a melhorar.

Foi então que em 2018 eu me matriculei em uma pós-graduação em Tecnologias e Mídias da Educação no Instituto Federal Triângulo Mineiro (IFTM) e, em uma das disciplinas pedagógicas, começamos a estudar Paulo Freire (2009). Simplesmente fiquei maravilhada, minhas vendas foram aos poucos caindo, comecei entender o quanto estava fixada no tradicionalismo e o quanto tinha que mudar e deixar a educação bancária para trás. No mesmo dia em que encerrei os estudos nessa pós-graduação fui aprovada no Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciência e Matemática na Universidade Federal de Uberlândia no ano de 2020. Em uma das disciplinas do Mestrado tive um reencontro com a teoria de Freire (2009), mas agora mais aprofundada, o que me fez levar o projeto adiante e com uma imensa vontade de aprender mais e mostrar a quem tem o mesmo pensamento que eu tinha.

### *Vivendo uma nova etapa profissional*

A mudança não se dá do dia para a noite. Foram longos meses de estudo para entender que de fato uma educação pautada apenas na tradicional aula expositiva não é satisfatório na aprendizagem do educando, e muito menos faz do professor um ótimo profissional. Seguindo o pensamento freiriano, deixando a educação bancária e começando a trabalhar com a dialogicidade, a *práxis* no que tange o cotidiano do estudante, este começa não só a adquirir uma tomada de consciência da realidade como também obtém uma transformação. Nas palavras do autor,

A conscientização é... um teste de realidade. Quanto mais conscientização, mais se des-vela a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo. Por esta mesma razão, a conscientização não consiste em estar frente à realidade assumindo uma posição falsamente intelectual. A conscientização não pode existir fora da *práxis*, ou melhor, sem o ato ação-reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens (FREIRE, 2009. p. 30).

Certo dia, em uma turma de 7º ano um estudante do fundo, muito indisciplinado, começou a gritar com cada um dos seus colegas, então fui conversar com ele e perguntei se estava tudo bem, e ele gritou: “Nããããã, não está tudo bem”. Não foi espanto nenhum, pois era um garoto revoltado e que gostava de enfrentar todos os professores. Então, perguntei como foi a manhã dele. Ele, irado, respondeu que não iria falar. Eu insisti de forma cativante e, lógico, demorou um pouco para ele se abrir, mas relatou o seguinte: “Professora, ontem à noite o meu pai bateu na minha mãe porque ela descobriu que ele estava com outra mulher, aí hoje de manhã a polícia chegou e levou ele. Tenho raiva de todo mundo porque agora sem meu pai como vou fazer pra ajudar ele vender drogas? Ele sempre me dava dinheiro...”.

Fiquei analisando a realidade desse estudante, o que se passava na cabeça dele e como um menino de 13 anos iria aprender algo com uma vida familiar toda conturbada e desestruturada e, além disso, se o conteúdo a ser dado não faz sentido para ele?

Em minha experiência inicial, jamais iria conversar com esse estudante a fim de entender o motivo de sua atitude, a não ser o repreender e talvez levá-lo à direção. Sabemos que a afetividade traz segurança e confiança, e isso colabora de forma interativa dando sentido a todo processo de conhecimentos.

Hoje consigo ver com outro olhar a rebeldia e a falta de interesse em nossos estudantes, que muitas vezes não aprendem ou não querem nem tentar. Nós, docentes, precisamos refletir a todo o momento sobre nossa prática, reconhecendo não só as nossas

possibilidades e limitações, mas também as dos nossos estudantes. Nesse sentido, o ensino-aprendizagem que envolve a interação professor-estudante deve abranger todos os aspectos, englobando também as suas condições de vida, sua relação com a escola e a percepção de mundo que o cerca. Conforme Abreu e Masetto (1990),

É o modo de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade, que colabora para uma adequada aprendizagem dos alunos; fundamenta-se numa determinada concepção do professor, que por sua vez reflete valores e padrões da sociedade (ABREU; MASETTO, 1990, p. 115).

Ao entender a história de vida do educando e refletir sobre seus valores e padrões, podemos construir juntos uma aprendizagem mais adequada e uma relação não bancária, mas com base na *práxis* e na dialogicidade.

Agora compreendo que o bom professor é aquele que NÃO se preocupa em ser apenas conteudista, mas que promove a circulação do conhecimento, instiga a curiosidade e proporciona a reflexão, abrindo espaço para o diálogo saudável, para a troca de informações, propondo que cada sujeito envolvido no processo deixe sua opinião e tenha uma tomada de consciência, de modo a se transformarem em cidadãos mais críticos. Nesse contexto, trago no presente trabalho o Teatro-fórum como instrumento para busca de tema(s) geradore(s) que estes estudantes possam expressar na sua forma de pensar, de agir e de sentir numa perspectiva freiriana a partir de sua realidade.

Você deve estar se perguntando: o que tem a ver a Matemática com o Teatro? Bem, em uma outra disciplina do Mestrado uma das professoras comentou na última aula que achava muito interessante a interdisciplinaridade. Foi aí que pensei em associar o Teatro-fórum como forma de extrair o tema gerador. Faço teatro desde os meus 16 anos com *hobby* e juntar as duas coisas que mais gosto me deixou muito feliz e empolgada.

## 2 INTRODUÇÃO

Infelizmente, a defasagem, a evasão, o baixo rendimento e a dificuldade no aprendizado educacional existem, principalmente entre estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), e são várias as suas causas e motivos. Assim, estudantes da EJA trazem consigo uma visão de mundo influenciada por seus traços culturais de origem e por sua vivência social, familiar e profissional. Diante de tal situação, um impacto positivo a ser considerado no presente trabalho é a metodologia do Teatro-fórum e uso dos temas geradores no processo educacional. Isso, porque permite a troca de conhecimentos e experiências, constituindo-se em um instrumento facilitador para as discussões dos problemas sociais e de intervenção socioeducativa. Conseqüentemente, possibilita um ensino mais significativo, o desenvolvimento do senso crítico e a autonomia do educando, além de ser um facilitador para o envolvimento do estudante com o conteúdo das diversas disciplinas, incluindo a Matemática.

Trabalhar com os temas geradores significa viabilizar a participação de todos em um processo que se preocupa com a qualidade do ensino ofertado, independentemente das particularidades de cada estudante, pois são sujeitos que convivem e enfrentam preconceitos, críticas e discriminações tanto no ambiente familiar como na vida em sociedade. Com base no exposto, este trabalho propõe ações que permitam o diálogo reflexivo e, contudo, fundamental para a educação tratada de forma libertadora. A pergunta que orienta esta dissertação é: “De que maneira o Teatro Fórum auxilia na definição do tema gerador?”.

Apresenta como hipótese o desenvolvimento de uma peça teatral, “O Teatro do Oprimido”, com a modalidade Teatro-fórum, que é um método cênico-pedagógico desenvolvido por Augusto Boal (2005), onde sua relevância em relação aos recursos didático-pedagógicos pode proporcionar a extração significativa do tema gerador por ser totalmente voltado para vivências e discussões do cotidiano do educando. A metodologia dessa modalidade é um desdobramento das técnicas desenvolvidas nas “oficinas” do teatrólogo Augusto Boal (2005) com o “Teatro do Oprimido” (BOAL, 2005). Aqui, a proposta de ensino se diferencia por partir de alguns pressupostos de Paulo Freire (2009), que são: trabalhar com a realidade do estudante e a educação libertadora.

Seguindo tal concepção, esse trabalho apresenta a proposta de Paulo Freire (2009) incluindo o “Tema Gerador”, a qual contribui de forma inovadora como método de desalienação e aprendizado à educação. Também são abordados alguns dos aspectos sobre como o tema gerador pode contribuir com o processo de ensino e aprendizagem da EJA.

Para estudar a realidade escolar é preciso compreender o lado pessoal de cada estudante, bem como o contexto no qual ele está inserido, em busca de soluções viáveis para uma melhor aprendizagem e um alto rendimento escolar em qualquer fase do aprendizado. O objetivo desse trabalho é desenvolver uma proposta por meio do Teatro-fórum de Augusto Boal (2005) no contexto da EJA como forma de extrair o tema gerador de Paulo Freire (2009).

Trata-se de uma proposta que possibilita a participação de todos por meio de sua realidade de vida e da dialogicidade sempre tratando do cotidiano da comunidade. Trabalhar o tema gerador mediante o Teatro-fórum é dar possibilidade a todos, é um meio inteiramente propício para trabalhar com aquilo que faz sentido para o educando, é provocar a mudança da consciência ingênua para a consciência crítica e a tomada de consciência para transformar a realidade.

Este trabalho, por ter forte interação da universidade com a comunidade da escola onde foi realizado, se configura como de extensão universitária e, desta forma, se encontra registrado no Sistema de Informação de Extensão (SIEX/UFU) sob o número 26045.

## **2.1 Educação de Jovens e Adultos (EJA)**

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino reconhecida na LDB 9.394/96, que, no seu artigo 37, destaca: “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria” (BRASIL, 1996, p. 15).

Os estudantes da EJA são pessoas que não puderam estudar na idade escolar adequada, sendo, pois, essa modalidade de ensino destinada a esse público. Muitos estudantes da EJA se sentem constrangidos em frequentar as salas de aulas, têm preconceitos com eles mesmos e, infelizmente, apenas não tiveram oportunidades ou desperdiçaram tais oportunidades.

Atualmente, observa-se uma discrepância no ensino-aprendizagem, em especial na modalidade EJA. Essa discrepância é um dos assuntos mais debatidos nas reuniões pedagógicas e na comunidade escolar, reverberando também na sociedade atual. Fenômenos como evasão e repetência apresentam um caráter marcante.

Para Arroyo (1993), um dos principais fatores da evasão e o baixo rendimento escolar está na questão das diferenças sociais. Em seus termos,

É essa escola das classes trabalhadoras que vem fracassando em todo lugar. Não são as diferenças de clima ou de região que marcam as grandes diferenças entre escola possível ou impossível, mas as diferenças de classe. As políticas oficiais tentam ocultar esse caráter de classe no fracasso escolar, apresentando os problemas e as soluções com políticas regionais e locais (ARROYO, 1993, p. 21).

De fato, existem inúmeros motivos e causas para um estudante permanecer ou evadir da sala de aula. A UNICEF esclarece que

As barreiras socioculturais envolvem a discriminação racial, a exposição à violência e a gravidez na adolescência, entre outras questões. As barreiras econômicas dizem respeito à pobreza e, em particular, ao trabalho infantil. Entre as barreiras relacionadas à oferta educacional, está a apresentação de conteúdos distantes da realidade dos alunos, a não valorização dos profissionais de educação, o número insuficiente de escolas, a falta de acessibilidade para alunos com deficiência, condições precárias de infraestrutura e de transporte escolar. As barreiras políticas, financeiras e técnicas tratam da insuficiência de recursos destinados educação pública brasileira (UNICEF, 2012, p. 47).

Em sua tese de doutorado, Ferrari (2001) apontou aspectos sociais considerados como determinantes do baixo proveito escolar. Ela analisa alguns fatores do insucesso escolar, sendo um deles a desestruturação familiar. A importância que a família dá para a escola é fundamental, e isso de certa forma está também relacionado com o seu nível social e cultural. Ainda, o desemprego é um dos motivos para o abandono escolar que a autora menciona, já que em diversas situações é a ausência de condições de sobrevivência que leva o estudante a abandonar a escola para trabalhar. Um caminho para reverter algumas destas problemáticas passa pela concepção da finalidade de educar as pessoas, o que deveria ter um caráter mais democrático e ser alvo de maior interesse nacional. A formação da população de um país irá revelar a postura da realidade dessa nação, possibilitando libertá-la da opressão de uma minoria formada pela classe dominante.

Estas discussões só resultarão em medidas satisfatórias se os educadores e as escolas se revestirem de um caráter mais solidário e menos populista, que permita a participação de todos em um processo que prima pela qualidade do ensino ofertado, oportunizando-o a todos. O modelo de ensino da maioria das escolas, que padroniza as disciplinas, os conteúdos, os materiais didáticos e se esquece das particularidades de cada educando tem de ser superado. Estas circunstâncias estão diretamente relacionadas com a comunidade escolar, formada, em sua maioria, por jovens e adultos de origem pobre e humilde e, às vezes, até marginalizada pela sociedade. No entanto, estas são as pessoas para as quais não foi oferecida a oportunidade de estudar ou quando tiveram essa oportunidade não foram arquitetadas as

condições mínimas necessárias para que pudessem usufruir das conquistas que a formação acadêmica oferece.

Não podemos esquecer que os educadores estão em um lugar-chave e são um meio de contribuição na vida desses estudantes que não tiveram oportunidades no tempo hábil, contribuindo de forma mediadora e induzindo-os à produção de uma consciência mais crítica e menos desigual. Além disso,

[...] o professor é, na sala de aula, porta-voz de um conteúdo escolar, que não é só um conjunto de fatos, nomes e equações, mas também uma forma de construir um conhecimento específico imbuído de sua produção histórica e procedimentos próprios. Como principal porta-voz do conhecimento científico, é o mediador por excelência do processo de aprendizagem do aluno (DELIZOICOV; ANGOTTI; PERNAMBUCO, 2002, p.151-152).

Pelo exposto, considera-se que ensinar hoje não depende somente de conteúdos, procedimentos ou mesmo técnicas. A ação do professor necessita ir além a fim de se promover uma educação alcançável a todos (DELIZOICOV; ANGOTTI; PERNAMBUCO, 2002).

## **2.2 A dialogicidade como forma de emancipação na EJA**

A educação bancária, segundo Freire (2009), é aquela que dá prioridade à memorização, à repetição, uma educação de forma vertical, não é problematizadora, não torna os estudantes críticos e traz consigo os valores da classe dominante. Além disso, é uma educação voltada para o mercado de trabalho, preparando mão-de-obra barata e submissa. Esse tipo de educação impede os estudantes de se tornarem críticos e reflexivos, fazendo-os aceitar tudo sem questionamento e sem posicionamento e, enfim concebe o estudante como um ser sem história frente à realidade. Não considera o conhecimento adquirido ao longo da vida do estudante e, por isso, se torna opressora. Os conteúdos vão sendo acumulados sem adquirir sentido, visto que não há espaço para questionamento, crítica e reflexão.

Nesse contexto, estudantes e professores são objetos do processo educativo, e não sujeitos do mesmo. Segundo Freire (2009), é necessário que o educador prepare o estudante para pensar de maneira crítica e reflexiva, se tornando ativos e dialógicos, para então ocorrer a educação emancipatória.

Ainda segundo Freire (2009), o educador deve utilizar a problematização por meio da dialogicidade, a qual consiste em abordar questões que emergem de situações que fazem parte

da vivência dos estudantes. Nesse sentido, a comunicação deve ser posta em posição central no ato de educar, constituindo um instrumento fundamental para a formação dialética dos educandos, ou seja, o diálogo é elemento formativo do ser humano e se efetiva na medida em que possibilita aos sujeitos a transformação do mundo, a compreensão da realidade enquanto processo, superando a visão superficial e estática dessa realidade.

Na mesma linha de raciocínio de Freire (2009), Augusto Boal (2005), mediante o Teatro do Oprimido, também visa à libertação e à conscientização do sujeito por meio da reflexão crítica, dando-lhe instrumentais para buscar alternativas para sua libertação e fazer tentativas de solucionar a opressão em que vive através do teatro com a dialogicidade.

Diante da importância que a dialogicidade assume na formação do sujeito é que se torna importante a formação de jovens e adultos ao trabalhar o Teatro-fórum, pois podem se expressar conforme sua visão de mundo, enquanto dialogam e fazem uma análise de sua própria realidade, tornando-se cidadãos conscientes de uma sociedade desigual.

Deste modo, tanto Paulo Freire (2009), na Pedagogia do Oprimido, como Augusto Boal (2005), no Teatro do Oprimido, podem contribuir para a formação da autonomia e da criticidade para transformação dos sujeitos, através da dialogicidade.

### **2.3 O Teatro do Oprimido**

Criado pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal (2005) nos anos 1970, o Teatro do Oprimido é um método e modelo cênico-pedagógico que tem como objetivo a conscientização social. De acordo com o próprio Boal (2005), o Teatro do Oprimido pretende transformar o espectador com o recurso da quarta parede em sujeito atuante, transformador da ação dramática que lhe é apresentada, de forma que esse passe a protagonizar e transformar a mesma. Boal (2005), em seu Teatro do Oprimido, desafia os espectadores a pensar, como se todos fossem atores atuantes, capazes de representar a partir do que vivem em seu dia-a-dia e de como vivem as situações de sua realidade.

Para Boal (2005), todas as pessoas são atores, visto que interpretam o tempo todo em sua vida cotidiana, pois vivem vários papéis: o social, o familiar e o profissional. Sobre o objetivo do Teatro do Oprimido, o autor afirma que

A finalidade do Teatro do Oprimido não é a de criar o repouso, o equilíbrio, mas é a de criar o desequilíbrio que dá início à ação. Seu objetivo é DINAMIZAR. Essa DINAMIZAÇÃO é a ação que provém dela (exercida por um espectador em nome

de todos), destroem todos os bloqueios que proibiam a realização dessa ação. Isso quer dizer que ela purifica os espectadores, que ela produz uma catarse. A catarse dos bloqueios prejudiciais (BOAL, 2005, p. 83).

Augusto Boal (2005) propõe a *Árvore do Teatro do Oprimido*, a qual representa a estrutura pedagógica do Método que tem ramificações coerentes e interdependentes. Cada técnica que integra o Método é fruto de uma descoberta, é uma resposta a uma demanda efetiva da realidade.

Boal (2005) trabalha com três princípios essenciais para desenvolver a evolução e a liberdade criativa das pessoas. O primeiro seria o “reapropriação” dos meios de produção teatral pelos oprimidos, que indica o objetivo em reapropriar os meios de produção teatral pelos seres que se sentem oprimidos de forma com que o “fazer teatral” possibilite recuperar todo o processo e recurso que fora reprimido pelo aspecto social. Com isso, todos passam a ter capacidade de criar algo, de se expor de forma clara e, principalmente, de se posicionar diante de alguma opinião imposta.

O segundo princípio trata da quebra da quarta parede que é colocada entre o ator e o público. A ideia é romper essa parede de forma com que todos possam refletir de forma livre, tendo sua própria crítica e realidade. O rompimento busca conduzir o público para dentro da reflexão feita nos palcos, estimulando-o a interagir diante dos problemas compartilhados e valorizar sua capacidade criativa.

Por último, o terceiro princípio seria a insuficiência do teatro diante da transformação social como um meio de desenvolver uma consciência própria do teatro, ampliando as opções de forma com que as pessoas tenham possibilidades para transformar a sua própria vida, convertendo as intervenções em mudanças reais, acabando com a opressão.

O Teatro-fórum é um dos ramos do Teatro do Oprimido. É uma técnica em que os atores representam uma cena até a apresentação do problema e em seguida propõem aos espectadores que mostrem, por meio da ação cênica, soluções para o então problema apresentado. Produz-se uma encenação baseada em fatos reais, na qual personagens oprimidos e opressores entram em conflito, de forma clara e objetiva, na defesa de seus desejos e interesses.

Com o objetivo de “ensaiar ações concretas na vida social, produzir mudanças, transformações” (BOAL, 2005, p. 163), há um pequeno debate com a plateia após a apresentação da peça, incentivando a participação e permitindo que os “espectadores” troquem de lugar com o oprimido-ator para ensaiarem novas formas de

solucionar a situação representada. Segundo o autor (2005), é um modo de aprofundar a realidade de forma mais lúdica e que desperta o desejo de transformar o mundo.

O Teatro-fórum é composto essencialmente por dois personagens principais contrários: o oprimido, que assume o papel de protagonista, e o opressor. O que move a peça é a motivação do oprimido, a sua vontade de se libertar da opressão. O espectador deve conhecer a ideologia de cada personagem a fim de viabilizar o debate (BOAL, 2005). Na peça, a situação não se resolve a favor do oprimido, que luta por fugir daquela situação de opressão, embora as pressões sejam fortes. É este fato que leva os sujeitos da plateia, convidados pelo “curinga”, a identificarem os sinais de opressão e a intervirem na cena.

O “curinga” apresenta-se como um mediador que incentiva e orienta o diálogo entre os espectadores e os atores no final da peça encenada. Ele tem a responsabilidade de todo o processo de discussão com o público, estimulando a descoberta de soluções concretas para a diminuição da opressão apresentada, devendo evitar formas de manipulação, de indução do espectador e deixando que seja a plateia a decidir (BOAL, 2005).

O teatro que se pretende popular, como o que ele imaginou, “persegue [...] o mesmo objetivo: a libertação do espectador sobre quem o teatro se habituou a impor visões acabadas do mundo” (BOAL, 2005, p. 162). O desejo por liberdade, por romper a verticalização das relações, por permitir que pessoas socialmente e historicamente silenciadas pronunciem o mundo, é o que podemos dizer como mais democrático na concepção de Boal (2005). Aqui estaria sua tentativa de contribuir para a construção de uma sociedade mais igualitária e livre. Por isso, o Teatro-fórum foi o meio encontrado pelo autor para concretizar um espaço artístico e político de ensaio de transformação social. Dentro da Estética do Oprimido, ao conceber os vários ramos que formam a Árvore do Oprimido, Boal (2005) incessantemente buscou formas de transferir a ação direta dos artistas aos espectadores.

## **2.4 Pedagogia do Oprimido**

Paulo Freire (2009) foi um grande educador e filósofo brasileiro, dedicou-se à Educação de Jovens e Adultos (EJA) a fim de provocar mudanças sociais com uma proposta conscientizadora de alfabetização, cujo princípio era “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”.

A pedagogia do Oprimido de Paulo Freire (2009) visa à libertação dos oprimidos. Ela foi desenvolvida na década de 1969 e tem como objetivo promover o desenvolvimento

humano, a emancipação e a conscientização dos sujeitos para que possam participar ativamente da transformação da realidade em que vivem. Isso, porque parte da experiência vivida pelos oprimidos, possibilitando-os a compreender a realidade de forma crítica e assim se conscientizarem, tornando-se agentes de mudança.

O autor se empenhou a mostrar que a alfabetização é essencial para o conhecimento em geral, principalmente para a própria pessoa, para a compreensão do mundo e da importância que as pessoas têm no mundo e que com a leitura (alfabetização) podemos participar de sua transformação. A ideia de Paulo Freire (2009) era que a escola tinha que ensinar o estudante a “ler o mundo”, pois somente sabendo a realidade do mundo e da cultura em que vive é possível ir atrás de melhorias. Sendo assim, para obter transformações é preciso inserir-se na realidade em que se vive.

Paulo Freire (2009) se opõe à educação tradicional, onde o professor é o detentor do saber e o estudante apenas ouvinte. A esse tipo de educação Freire (2009) dá o nome de “educação bancária”, pois o professor ensina como se fosse um banco de dados lançados aos estudantes.

Não é a transferência ou a transmissão do saber nem da cultura; não é a extensão de conhecimentos técnicos; não é o ato de depositar informes ou fatos nos educandos; não é a “perpetuação de valores de uma cultura dada”; não é o “esforço de adaptação do educando a seu meio” [...] é sobretudo, e antes de tudo, uma situação verdadeiramente gnosiológica. Aquela em que o ato cognoscente não termina no objeto cognoscível, visto que se comunica a outros sujeitos igualmente cognoscentes. (FREIRE, 2009, p. 78)

Diferentemente dessa “educação bancária” Freire (2009) baseia-se na dialética, até chegar aos temas geradores, ou seja, baseia-se na realidade do educando, levando-se em conta suas experiências, suas opiniões e sua história de vida. Esses dados devem ser organizados pelo educador a fim de que as informações fornecidas por ele, o conteúdo preparado para as aulas, a metodologia e o material utilizados sejam compatíveis e adequados às realidades presentes. Freire (2009) valorizava imensamente o meio do educando, considerando a sua história, a cultura, a experiência anterior do estudante – não se perde nada, se aproveita tudo. Sendo, segundo ele, um ponto positivo da aprendizagem.

De acordo com Paulo Freire (2009), o verdadeiro educador é aquele que não destrata do seu educando nem da sua ingenuidade. A ingenuidade do estudante se constitui em não saber, e o papel do professor é de superar junto a este as suas limitações, resultando num aprendizado saudável. Freire (2009) defende que ninguém ensina nada a ninguém e ninguém aprende nada sozinho.

Ele diz que só se aprende compartilhando uns com os outros no meio que os cerca, isto é, só se é capaz de ensinar para adultos ou crianças se for capaz de aprender, sendo um professor disposto a buscar o novo e a aprender todos os dias, não sendo aquele que acha que sabe.

Quem apenas fala e jamais ouve; quem 'imobiliza' o conhecimento e o transfere a estudantes, não importa se de escolas primárias ou universitárias; quem ouve o eco, apenas de suas próprias palavras, numa espécie de narcisismo oral; quem considera petulância da classe trabalhadora reivindicar seus direitos; quem pensa, por outro lado, que a classe trabalhadora é demasiado inculta e incapaz, necessitando, por isso, de ser libertada de cima para baixo, não tem realmente nada que ver com libertação nem democracia. (FREIRE, 2009, p. 30-31)

Segundo o autor, o bom professor é aquele que se coloca junto com o educando e procura superar ao seu lado o seu não saber e as suas dificuldades em uma relação de trocas onde ambas as partes aprendem, chegando assim a uma educação libertadora, a qual só se pode alcançar por meio da dialogicidade.

### **3 OBJETIVOS**

#### **3.1 Objetivo Geral**

O objetivo do projeto foi desenvolver uma proposta para o Estudo de Jovens e Adultos por meio do Teatro-fórum de Augusto Boal (2005) como forma de extrair o(s) tema(s) gerador(es). A partir desta proposta vem a pergunta que orienta o trabalho: “De que maneira o Teatro-fórum auxilia na definição do tema gerador?”.

#### **3.2 Objetivos Específicos**

- a) Montar um roteiro usando as estratégias do Teatro-fórum;
- b) Montar uma peça de teatro;
- c) Verificar como o Teatro-fórum influenciou na definição do tema gerador;
- d) Gravar o Teatro-fórum em vídeo como um Produto do Projeto;
- e) Refletir sobre a prática docente com o uso do Teatro-fórum;
- f) Refletir sobre como o uso do Teatro-fórum pode auxiliar na determinação de temas geradores.

## 4 REFERENCIAL TEÓRICO

### 4.1 Conhecendo a EJA

A EJA – Educação de Jovens e Adultos – é uma modalidade de ensino voltada para estudantes que não concluíram o ensino fundamental ou médio no período adequado, ou seja, na faixa etária regular, e que foram excluídos do sistema educacional por algum motivo. Trata-se de uma educação com o mesmo padrão de qualidade, de forma pública, gratuita, igualitária e universal. Segundo o Ministério da Educação, diante do desafio de resgatar um compromisso histórico da sociedade brasileira e contribuir para a igualdade de oportunidades, inclusão e justiça social, fundamenta sua construção nas exigências legais definidas e assegurada pela Constituição Brasileira.

A Constituição Federal do Brasil/1988 incorporou como princípio que toda e qualquer educação visa ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (CF, art. 205). Retomado pelo artigo 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9.394/96 –, este princípio abriga o conjunto das pessoas e dos educandos como um universo de referência sem limitações. (BRASIL, 1988)

Pelo exposto, observa-se que a Educação de Jovens e Adultos, modalidade estratégica em prol de uma igualdade de acesso à educação como bem social, deve assim ser considerada.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96) enfatiza que as oportunidades educacionais oferecidas para os jovens e adultos deverão ser apropriadas, considerando “as características, interesses, condições de vidas e de trabalho” (artigos 37-38).

Mais à frente, neste mesmo texto, a EJA é considerada como uma modalidade educacional que deve incentivar as potencialidades de seus estudantes, promover a autonomia, “levando os alunos a serem sujeitos do aprender a aprender, apropriando-se, gradativamente, do mundo do fazer, do conhecer, do agir, do conviver” (BRASIL 1996).

A LDB 9394/ 96 declara a Educação de Jovens e Adultos no Título V, Capítulo II, como modalidade da Educação Básica, superando sua dimensão de ensino supletivo. Regulamenta-se, dessa forma, sua oferta a todos os que não tiveram acesso ou não concluíram seus estudos em idade escolar.

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudo no ensino fundamental e ensino médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida.

Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular. (BRASIL, 1996, p. 66)

O Ministério da Educação Proeja (2007) apresenta seis princípios básicos da Educação de Jovens e Adultos.

O primeiro princípio surge da constatação de que jovens e adultos que não concluíram a educação básica em sua faixa etária regular busquem a sua inclusão, ou seja, diz respeito ao papel e compromisso que entidades públicas integrantes dos sistemas educacionais têm com a inclusão da população em suas ofertas educacionais.

O segundo princípio, decorrente do primeiro, consiste na inserção orgânica da modalidade EJA integrada à educação profissional nos sistemas educacionais públicos. Assume-se, assim, a perspectiva da educação como direito – assegurada pela atual Constituição no nível de Ensino Fundamental – como dever do Estado. Com a educação básica iniciando-se na Educação Infantil e seguindo até a conclusão do Ensino Médio.

Conforme o terceiro princípio, se dá a ampliação do direito à educação básica pela universalização do Ensino Médio e que, pela compreensão de que a formação humana, se consolidem saberes de produção humana, linguagens e formas de expressão para a transformação do mundo.

O quarto princípio compreende o trabalho como princípio educativo. A vinculação da escola média com a perspectiva do trabalho se pauta pelo entendimento de que homens e mulheres produzem sua condição humana pelo trabalho, ou seja, ação transformadora no mundo, de si, para si e para outrem.

O quinto princípio define como modo de produzir conhecimentos e fazer avançar a compreensão da realidade, além de contribuir para a construção da autonomia intelectual desses sujeitos, os estudantes.

O sexto princípio considera as condições geracionais, de gênero, de relações étnico-raciais como fundantes da formação humana e dos modos como se produzem as identidades sociais, constituintes das suas identidades, dos modos de ser e estar no mundo de jovens e adultos.

A história da EJA no Brasil está muito associada a Paulo Freire (2009). Suas ideias foram desenvolvidas na década de 1960, tendo sua primeira aplicação na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte. Ao longo do tempo a EJA apresentou variações e, sem dúvida, está muito vinculada às transformações sociais, econômicas e políticas que caracterizaram os diferentes momentos históricos do país.

Pela primeira vez a Constituição de 1934 estabeleceu a criação de um Plano Nacional de Educação, onde a educação de adultos tem como dever do Estado, incluindo em suas normas a oferta do ensino primário integral, gratuito e de frequência obrigatória, extensiva para adultos. Em 1958, foi realizado o segundo Congresso Nacional de Educação de Adultos, com objetivo de avaliar as ações realizadas na área e propor soluções adequadas para a questão. Muitas foram as críticas, como precariedade dos prédios escolares, material didático inadequado e má qualificação do professor.

A década de 1970 marcou o início das ações do Movimento Brasileiro de Alfabetização – o MOBRAL –, que era um projeto para se acabar com o analfabetismo em apenas dez anos. Essa época ainda era regida pelo militarismo no Brasil. O ensino supletivo, implantado em 1971, foi um marco importante na história da EJA do país.

Durante o período militar, a educação de adultos adquiriu pela primeira vez na sua história um estatuto legal, sendo organizada em capítulo exclusivo da Lei nº 5.692/71, intitulado Ensino Supletivo. O artigo 24 desta legislação estabelecia com função do supletivo suprir a escolarização regular para adolescentes e adultos que não a tenham conseguido ou concluído na idade própria. (VIEIRA, 2004, p. 40)

No início da década de 1980, a sociedade brasileira viveu importantes transformações sociopolíticas com o fim dos governos militares e a retomada do processo de democratização, o que possibilitou a ampliação das atividades da EJA. E, a partir dos anos 1990 a EJA começou a perder espaço nas ações governamentais.

Em janeiro de 2003, foi criada a Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo, onde a meta era erradicar o analfabetismo durante o mandato do governo Lula e o MEC anunciou que a alfabetização de jovens e adultos seria uma prioridade do novo governo federal, que criou o Programa Brasil Alfabetizado por meio do MEC, contribuindo com os órgãos públicos estaduais e municipais e sem fins lucrativos. Para Vieira (2004) a Educação de Jovens e Adultos deve ser tratada juntamente com outras políticas públicas e não isoladamente.

Mesmo reconhecendo a disposição do governo em estabelecer uma política ampla para a EJA, especialistas apontam a desarticulação entre as ações de alfabetização de EJA, questionando o tempo destinado à alfabetização e à questão da formação do educador. A prioridade concedida ao programa recoloca a educação de jovens e adultos no debate da agenda das políticas públicas, reafirmando, portanto, o direito constitucional ao ensino fundamental independentemente da idade. Todavia, o direito à educação não se reduz à alfabetização. A experiência acumulada pela história da EJA nos permite reafirmar que intervenções breves e pontuais não garantem um domínio suficiente da leitura e da escrita. Além da necessária continuidade no ensino básico, é preciso articular as políticas de EJA a outras

políticas. Afinal, o mito de que a alfabetização por si só promove o desenvolvimento social e pessoal há muito foi desfeito. Isolado, o processo de alfabetização não gera emprego, renda e saúde. (VIEIRA, 2004, p. 85-86)

Apesar de não estar havendo continuidade dos programas ao longo dos tempos, a Educação de Jovens e Adultos de alguma forma está sempre buscando realmente permitir o acesso de todos à educação, independentemente da idade. Muito já foi feito, mas ainda há muito o que se fazer. Não se pode acomodar com os avanços já conseguidos. É necessária a busca de novos horizontes para se chegar à erradicação total do analfabetismo em nosso país, pois a educação é direito de todos.

#### **4.2 O contexto de Paulo Freire**

“Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito.” (FREIRE, 2009)

A proposta educacional de Freire (2009) tem origem no contexto sociopolítico e cultural em que viveu o educador, pois é a partir dele que surge a sua proposta. Freire (2009) nasceu em 1921 em Recife e morreu em São Paulo, em 1997, aos 76 anos. Formou-se em Direito, mas não exerceu a profissão, preferindo dedicar-se a projetos de alfabetização. Foi um grande educador brasileiro que se dedicou à Educação de Jovens e Adultos (EJA) a fim de provocar mudanças sociais. Segundo o Instituto Paulo Freire, ele lutou para mostrar que a alfabetização é essencial para o conhecimento em geral, para a compreensão do mundo e da importância que as pessoas têm no mundo, e que para obter transformações é preciso inserir-se na realidade em que se vive.

Sua proposta vem ao encontro à educação libertadora, que se opõe à educação tradicional, entendida como a educação bancária.

As tendências pedagógicas surgem conforme as mudanças sociais, não de forma radical, mas começam a se infiltrar de maneira democrática ou se encaixando como instrumento limiar para que suas práticas funcionem fluidamente, às vezes com certa influência social, que, por sua vez, o educador não percebe. Dentro de um grande pensamento que coincide com a transformação, Paulo Freire (2009) apresenta essa tendência libertadora, a qual defende a autogestão pedagógica e o antiautoritarismo e vincula a educação à luta e

organização de classe do oprimido, estando relacionada com a realidade inserida na sociedade com aspectos que influenciam em suas vidas para então transformá-las.

De acordo com Luckesi (1991) as tendências pedagógicas se dividem em duas grandes linhas de pensamento pedagógicos que são as Tendências Liberais e as Tendências Progressistas. A tendência liberal é uma pedagogia que defende a predominância da liberdade e dos interesses individuais na sociedade e acredita que o papel da instituição de ensino é preparar as pessoas para que elas desempenhem papéis sociais, tendo como base algumas habilidades e competências. Desta, destaca três exemplos: A Tendência Tradicional, a qual o saber do professor é a verdade absoluta, o que cria um processo bem mecânico e repetitivo. Escola Nova Diretiva, ou também chamada Escola Renovada Progressista, e a Escola Renovada não Diretiva, cujo foco é promover o autodesenvolvimento e a realização pessoal. Já na Técnica o professor e o estudante são, respectivamente, executor e receptor destacando-se um certo grau de autoritarismo. Essa Pedagogia é considerada não dialógica.

As Tendências Progressistas constituem uma pedagogia inspirada na teoria do conhecimento marxista, no qual o estudante se torna o protagonista do seu processo de aprendizado. Tais tendências são divididas em três principais vertentes, a Libertária, que é contra o autoritarismo e a favor do autogerenciamento; a Libertadora, que desperta o lado crítico voltado para os problemas sociais vigentes na sociedade, onde o estudante se torna o protagonista na aquisição do conhecimento, promovendo a reflexão crítica. Lembrando que Paulo Freire (2009) se localiza nessa pedagogia. Por fim, temos a Histórica-crítica, defendida por Dermeval Saviani (2008) que propõe a interação entre o conteúdo e a realidade que se vive.

#### ***4.2.1 A escola tradicional, e a educação libertadora.***

A *Pedagogia Tradicional* conforme Libâneo (1990) é uma proposta de educação centrada no professor, cuja função se define como a de vigiar e aconselhar os estudantes, corrigir e ensinar a matéria por meio de aulas expositivas, devendo os estudantes prestar atenção e realizar exercícios repetitivos a fim de memorizar e reproduzir a matéria ensinada. O professor aqui é visto como elemento central no processo de ensino e aprendizagem, sendo a autoridade máxima intermediária entre o estudante e o conhecimento, um organizador dos conteúdos e estratégias de ensino e, portanto, o guia exclusivo do processo educativo. O

ensino é considerado como a transmissão de conhecimento aos estudantes com o objetivo de que ele seja dominado por eles.

Desta forma, ensinar é transmitir os conhecimentos aos estudantes, o que enfatiza para o professor uma parte ativa, e o estudante não é mais do que um mero ouvinte passivo a armazenar o que é passado. Quem nunca ouviu alguns jargões de ditos populares como: “Façam silêncio!”, “Aluno bom é aluno calado e quieto”, “Turma boa é aquela que deixa o professor dar aula em paz”, “Professor bom é aquele que tem moral, ou seja, se impõe como figura de autoridade”, “Professor que bota moral é aquele que faz a turma toda não dar um pio”. Essa lista evidencia uma cultura pedagógica que legitima a educação bancária e não o diálogo, o que vem totalmente em oposição a dialogicidade de Paulo Freire (2009), sendo na realidade apenas questões da escola tradicional, ou seja, a educação bancária, a qual está bem longe de se trabalhar a dialogicidade e o tema gerador.

Não é de se estranhar, pois, que nesta visão “bancária” da educação os homens sejam vistos como seres da adaptação, do ajustamento. Quanto mais se exercitem os educandos nos arquivamentos dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos se desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores deles. Como sujeitos. (FREIRE, 2009, p. 57)

Para Freire (2009), a educação bancária é o lugar onde os estudantes são alienados e reconhecem em sua ignorância a razão da existência do educador. Ou seja, é uma prática tradicional onde o professor é o detentor do saber e o estudante um mero “ouvinte” que não sabe nada, simplesmente se anula cada vez mais em sua consciência crítica, sendo transformada a sua mentalidade, e não a situação que os oprime, para melhor adaptar a dominação sobre o oprimido.

Enquanto na educação bancária o educador vai enchendo o educando de falso saber com os conteúdos impostos, há outra forma de mudança para essa educação, nas suas relações passam de estática a uma realidade em transformação, em processo. Se antes a ingenuidade do estudante se constituía em não saber, agora é papel do professor superar junto a este as suas limitações, resultando num aprendizado saudável, o que contraria a educação bancária.

Freire (2009) defende que ninguém ensina nada a ninguém e ninguém aprende nada sozinho. Ele diz que só se aprende compartilhando uns com os outros no meio que os cerca, isto é, só se é capaz de ensinar para adultos ou crianças se for capaz de aprender, sendo um professor disposto a buscar o novo e a aprender todos os dias. Freire (2009) propõe uma prática diferente da tradicional, na qual o educador assume o papel de desenvolver a

criticidade dos estudantes e se coloca junto com o educando para superar ao seu lado o seu não saber e as suas dificuldades, com uma relação de trocas onde ambas as partes aprendem.

A educação libertadora de Paulo Freire (2009) está pautada na busca pela superação das situações-limite que legitimam os Temas Geradores, base para a organização de conteúdos da programação educativa. Então, os temas geradores são temas que servem ao processo da problematização da situação. Eles permitem concretizar o esforço de compreensão da realidade vivida para alcançar um nível mais crítico de conhecimento dessa realidade pela experiência da reflexão coletiva da prática social real. Os temas geradores são extraídos da prática de vida dos estudantes, substituem os conteúdos tradicionais e são buscados por meio do vocabulário popular os conteúdos sociais e políticos com significado concreto para suas vidas.

Observe, por exemplo, que a palavra tijolo se inseriria numa representação pictórica, a de um grupo de pedreiros construindo uma casa. Mas, antes da devolução, em forma escrita, da palavra oral dos grupos populares para o processo de sua compreensão da prática, e não de sua memorização mecânica,

Costumávamos desafiar os alfabetizandos com um conjunto de situações codificadas de cuja decodificação ou “leitura” resultava a percepção crítica do que é cultura, pela compreensão da prática ou do trabalho humano, transformador do mundo. No fundo, esse conjunto de representações de situações concretas possibilitava aos grupos populares uma “leitura” da “leitura” anterior do mundo, antes da leitura da palavra (FREIRE, 2009, p. 23).

Para a pedagogia libertadora, a forma de trabalho educativo é o grupo de discussão, que conduz o processo educativo buscando os conteúdos problematizadores, realizando as discussões, compartilhando as descobertas, definindo as atividades e os temas geradores como ponto de partida para uma mudança do mundo social, histórico, político e cultural onde vivem os oprimidos nas sociedades desiguais. Segundo Freire (2009), essa pedagogia libertadora começa no conteúdo programático da escola, o qual deve advir do diálogo que se insere em todos os segmentos sociais. Contudo, devemos nos preparar para essa ação dentre todos os segmentos. Sendo assim, numa relação horizontal, a educação prolongará o projeto de cada um introduzido de sentido. A metodologia não pode contradizer a dialogicidade da educação libertadora. O homem não é objeto de investigação, e sim o seu pensamento-linguagem diante da realidade, a sua visão de mundo. Desse diálogo, nascem os temas geradores, os componentes do conteúdo programático de Freire (2009).

É na realidade mediatizadora, na consciência que dela tenhamos educadores e povo, que iremos buscar o conteúdo programático da educação. O momento desse buscar é o que inaugura o diálogo da educação como prática da liberdade. É o momento em que se realiza a investigação do que chamamos Universo Temático do povo ou o conjunto de seus temas geradores. (FREIRE, 2009, p. 101)

A radicalidade dialógico-intersubjetiva é um dos aspectos mais originais do tema gerador a partir do qual não há separação entre seres humanos sábios e ignorantes, pois mediante o diálogo são respeitadas as diferenças de cada sujeito em suas visões de mundo próprias, diante da realidade, sócio-histórica comum a todos. A prática da liberdade é um foco importante da pedagogia freiriana, que só se torna conveniente a partir da participação livre e crítica dos estudantes, o que permite a prática da liberdade aos não livres. Nas palavras do autor: “proponho e defendo uma pedagogia crítico-dialógica, uma pedagogia da pergunta” (FREIRE, 2009, p. 83).

O importante da educação libertadora é o homem sentir-se sujeito do “seu pensar”, ter sua própria visão, diferente da “bancária”. Freire (2009) baseia-se na realidade do educando, levando-se em conta suas experiências, cultura, suas opiniões e sua história de vida, pois ao mudar sua realidade também vai se transformando e construindo a si mesmo. Paulo Freire (2009) construiu esta pedagogia em contato direto com os oprimidos e as oprimidas de nossas sociedades, aprendendo deles, de suas falas e de seus jeitos de ler o mundo. O autor introduziu a troca fecunda de saberes, do popular com o científico.

A formação crítica do sujeito surge desde a alfabetização, o qual passa a escrever o seu mundo, seu pensamento consciente na repetida descodificação crítica, que se faz necessária para se chegar aos temas geradores. Codificar e descodificar para se chegar nos temas geradores, onde situações concretas “codificadas” e mascaradas pela realidade são investigadas, de modo que seja possível a sua “descodificação”, que pode ser interpretada como uma análise crítica de uma situação codificada. Segundo os dicionários, descodificar significa converter em linguagem comum uma mensagem redigida em código. É essencial para o processo de aprendizagem saber classificar uma codificação e conhecer os seus objetivos, já que na ordem lógica do pensamento a descrição das partes e do todo fornecerá os dados necessários para a análise da codificação.

Em todas as etapas da descodificação estarão os homens exteriorizando sua visão de mundo, sua forma de pensá-lo, sua percepção fatalista das “situações-limites”, sua percepção estática ou dinâmica da realidade. E, nesta forma expressada de pensar o mundo fatalistamente, de pensá-lo dinâmica ou estaticamente, na maneira como realizam seu enfrentamento com o mundo, se encontram envolvidos seus “temas geradores”. (FREIRE, 2009, p. 115)

A educação tem um papel fundamental na formação da consciência do educando e a descodificação na prática pedagógica pode muito contribuir para que esta consciência se torne cada vez mais crítica. Então, conforme Freire (2009), o homem vai construindo seu pensamento com a palavra, pois com a palavra o homem se faz e assume sua essencial condição humana.

#### ***4.2.2 O ser humano freireano***

Paulo Freire (2009) se preocupou com a condição do ser humano, pois compreendeu o contínuo processo de humanização, o devir, ou seja, o ser humano não pode ser considerado como uma realidade pronta e acabada, mas como uma atividade continuada. Para ele,

A educação crítica considera os homens como seres em devir, como seres inacabados, incompletos em uma realidade igualmente inacabada e juntamente com ela. [...] o caráter inacabado dos homens e o caráter evolutivo da realidade exigem que a educação seja uma atividade continuada. A educação é, deste modo, continuamente refeita pela práxis. Para ser, deve chegar a ser (FREIRE, 2009, p. 81).

Ademais, o autor apresentou a distorção dessa vocação, isto é, a desumanização presente na história dos seres humanos, ou seja, o utópico é realizável e a utopia não é o idealismo, “é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por esta razão a utopia é também um compromisso histórico” (FREIRE, 2009, p. 27).

Para que essa situação de desumanização dos seres humanos seja vencida, torna-se necessário que eles possam tomar consciência de sua condição de seres desumanizados e partirem em busca da construção de sua humanização. Freire (2009) denominou o Processo de Conscientização e Diálogo como educação problematizadora e entende que somente por meio desse processo de Conscientização e Diálogo que os seres humanos poderão deixar de ser tratados como coisas para transformarem-se plenamente em pessoas conscientes de si e de seu papel histórico no mundo.

Se, para uns, o homem é um ser da adaptação ao mundo (tomando-se o mundo não apenas em sentido natural, mas estrutural, histórico-cultural), sua ação educativa, seus métodos, seus objetivos, adequar-se-ão a essa concepção. Se, para outros, o homem é um ser de transformação do mundo, seu quefazer educativo segue um outro caminho. Se o encararmos como uma “coisa”, nossa ação educativa se processa em termos mecanicistas, do que resulta uma cada vez maior domesticação

do homem. Se o encararmos como pessoa, nosso quefazer será cada vez mais libertador. (FREIRE, 2009, p. 124)

Freire (2009), portanto, aponta as possíveis relações entre o ser humano e o mundo ao partir de sua compreensão como um ser inacabado e em um processo constante de construção. Em síntese, o autor afirma que não é possível pensar uma teoria pedagógica que não esteja atrelada à compreensão que se tem do homem e do mundo.

A práxis libertadora freiriana tem como base a humanização entendida como o ser humano livre e consciente de suas liberdades. A práxis verdadeiramente ocorre quando há uma mudança em nós que reflete em nossa ação, fazendo-a uma nova ação. Nela, a relação teoria-prática não se confunde, mas, de certa forma, se funde. Para Freire (2009), o processo histórico do homem e da mulher é reproduzido em seu próprio plano educacional, em sua estrutura dinâmica e seu movimento dialético. O ser humano é constituído da práxis. Além disso, a pedagogia então é antropológica, o homem tem a consciência contraditória, pois sua capacidade não é sua representação, mas a condição de apresentação, comportamento frente ao meio, o qual o limita, ou seja, o homem não se naturaliza, porém, antes, ele humaniza o mundo. Daí, a dialética é presença e distância do mundo, objetividade e subjetividade da práxis. A práxis é a reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Teoria e prática são inseparáveis, tornando-se, por meio de sua relação, uma práxis autêntica, “que possibilita aos sujeitos reflexão sobre a ação, proporcionando educação para a liberdade. A práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido” (FREIRE, 2009, p. 38).

Segundo o autor, somente o compromisso do pensamento com a prática pode estabelecer um “contexto teórico verdadeiro”, bem como uma pedagogia humanista e libertadora. Ele pontua dois momentos centrais desta pedagogia:

O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser pedagogia dos homens em processo permanente de libertação (FREIRE, 2009, p. 45).

Torna-se necessário descrever como os oprimidos podem se tornar capazes de desvelar o mundo da opressão. De acordo com a teoria freiriana, ao se iniciar o processo de libertação de opressores e oprimidos é preciso criar no oprimido a consciência de sua própria condição de opressão. No processo de busca pela libertação dos homens, Freire (2009) trabalha a práxis como condição e fundamento da ação, da luta, no sentido de rompimento com o teor alienante

imposto pela relação entre opressor e oprimido. Para ele, é fundamental que os oprimidos descubram essa relação e se organizem para lutar por sua libertação e pela superação dessa imposição. Para essa libertação, indica ser essencial, por parte dos homens, a compreensão de suas necessidades, de sua concretude e das suas relações sociais. É dialogar entre si sobre suas ações, na perspectiva de promover uma inserção crítica da sua realidade a fim de transformar o mundo.

Freire (2009) destaca a necessidade de um processo de conscientização do ser humano ou uma forma crítica e reflexiva de abordar o mundo, que o coloca como sujeito da práxis. Esse processo se dá numa proposta pedagógica e crítica voltada a atender as massas populares no que se refere à descoberta da realidade opressora e ao nível da afirmação de um compromisso com a transformação prática de tal realidade.

A conscientização é isto: tomar posse da realidade; por esta razão, e por causa da radicação utópica que a informa, é um afastamento da realidade. A conscientização produz a desmitologização. É evidente e impressionante, mas os opressores jamais poderão provocar a conscientização para a libertação: como desmitologizar, se eu oprimo? Ao contrário, porque sou opressor, tenho a tendência a mistificar a realidade que se dá à captação dos oprimidos, para os quais a captação é feita de maneira mística e não crítica. O trabalho humanizante não poderá ser outro senão o trabalho da desmistificação. (FREIRE, 2009, p. 16)

Esse pensamento está firmado na dialética da ação-reflexão, no sentido de atividade questionadora, crítica e também prática que visualiza a libertação por meio de um conceito de práxis enquanto reflexão e ação dos homens sobre o mundo, empenhados em transformá-lo, porque é pelo diálogo, pelo trabalho e pela ação-reflexão dos homens em coletividade que engendra sua própria conscientização e as dos demais homens, formando a necessidade e o reconhecimento da transformação da realidade injusta. Com isso, a conscientização vai se aprofundando na práxis criadora de uma sociedade nova, ou seja, de uma nova realidade.

#### ***4.2.3 A dialogicidade***

Paulo Freire (2009) propõe na sua teoria a superação da relação “opressor-oprimido”, ou seja, a elaboração e construção do conhecimento ligado ao processo de conscientização crítica da realidade. O diálogo é a essência desse método, no qual educador e educando são somente sujeitos do processo, e a escola existe em um contexto histórico de uma determinada

sociedade. A relação educador/educando é horizontal e a avaliação consiste em um processo de autoavaliação e avaliação mútua.

Segundo o autor (2009), “o diálogo é uma exigência da existência”, então não são no silêncio que homens e mulheres se fazem humanos, mas na palavra. Por meio do diálogo podemos olhar o mundo como um processo. O diálogo implica numa práxis, compromisso entre o que a gente fala e o que a gente faz. Freire (2009) usa o termo “palavração”, e é no encontro entre o agir e o refletir que são endereçados ao outro a fim de transformar. Ele entende que o “sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a coparticipação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um “penso”, mas um “pensamos”. É o “pensamos” que estabelece o “penso”, e não o contrário” (FREIRE, 2009, p. 66).

Para que o diálogo verdadeiro exista, o mesmo não pode ser baseado no depositar ideia ao outro e também não pode ser apenas uma troca de ideias sem que haja uma reflexão. Além disso, não pode ser uma discussão polêmica em que a ideia seja um impor a sua verdade ao outro, muito menos ter como objetivo uma conquista.

O diálogo tem que ser um instrumento de criação de mundos, e para isso existem algumas condições a serem cumpridas. Primeiro não há diálogo se não há amor profundo ao mundo, aos homens e as mulheres. Não pode haver diálogo em relação de dominação onde não existe amor e sim a imposição do medo, e o medo não produz diálogo. Amar é um ato de coragem, de compromisso, e nunca de medo. Também, não pode haver diálogo sem a humildade, o diálogo não pode se dar numa relação de arrogância, pois esta é incompatível com o diálogo. Se alguém não é capaz de saber e sentir igual os outros ainda tem muito que caminhar até chegar a esse encontro com o outro e nesse lugar de encontro não há sábio absoluto nem tolo absoluto, mas homens e mulheres buscando saber mais.

Ainda, não há diálogo se não tiver fé. Fé no seu poder de criação de inovação, que é direito de todos. Não uma fé ingênua, mas uma fé crítica no poder de homens e mulheres transformarem o mundo. Essa é uma condição *a priori* do diálogo, e mesmo que essa condição de transformações seja negada, ela tem o poder de renascer, sem essa fé o diálogo é uma farsa, uma manipulação. O diálogo só pode acontecer numa relação horizontal de confiança, contudo só pode haver confiança se nossas palavras coincidem com nossos atos.

Freire (2009) acrescenta que para haver uma educação libertária é necessário o exercício libertador da palavra, onde nenhum sujeito se constrói sozinho, em isolamento, mas em uma prática dialógica, que, por sua vez, é o canal pelo qual os sujeitos se põem em

movimento em direção a um mundo que creem ser possível. O diálogo é a condição sem a qual não é possível um pensar e agir pedagógicos problematizadores, pois

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo e modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão. Mas, se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinha, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição com o qual rouba a palavra aos demais. O diálogo é esse encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu (FREIRE, 2009, p. 46).

Não há diálogo sem esse pensamento crítico, sem perceber a realidade como um processo, como algo em desenvolvimento e não como algo estático. O pensamento crítico é criado no curso da história. E não existe diálogo sem esperança, que não se faz individualmente, mas no coletivo. Não é a esperança de cruzar os braços e esperar, é a esperança de esperançar. É como diz Freire (2009): “Movo-me na esperança enquanto luto, e se luto com esperança, espero”.

A dialogicidade é a essência da educação como prática de liberdade, na qual ação e reflexão estão sempre presentes. Não há palavra que não seja práxis. A priori, a essa palavra vem a fé nos homens, a humildade e a confiança se instauram neles. Assim, quando não há verdadeiro diálogo, não há encontro, amorosidade e respeito.

O diálogo é este encontro dos homens imediatizados pelo mundo para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. Esta é a razão por que não é possível o diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não querem; entre os que negam aos demais o direito de dizer a palavra e os que se acham negados deste direito. (FREIRE, 2009, p. 91)

Sendo assim, é justo afirmar que o diálogo é uma categoria, ou seja, um elemento fundamental para a libertação do sujeito. O diálogo é uma exigência existencial, e não um ato isolado, mas uma categoria ou postura que perpassa toda a sua obra e que deve perpassar toda a existência humana. Ademais, o diálogo é o caminho para a educação como prática de liberdade, o qual “se nos revela como algo que já poderemos dizer ser ele mesmo: a palavra. Mas, ao encontrarmos a palavra na análise do diálogo como algo mais que um meio para que ele se faça, se nos impõe buscar também seus elementos constitutivos” (FREIRE, 2009, p. 89).

Na dialogicidade se constroem as relações de respeito, amorosidade, o “eu” e o “tu”, e nessa relação a prática do diálogo pressupõe uma condição de igualdade ou diferença que não sejam antagônicas. Sendo assim, os temas abordados na educação são geradores porque possuem em si mesmos a capacidade de serem desdobrados em outros temas que por sua vez provocam novas tarefas a serem desenvolvidas.

O diálogo nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança e da criticidade. Não é possível pronunciar o mundo como ato de criação e recriação sem amor a ele e às pessoas; amor que é compromisso com a causa da libertação daqueles que são oprimidos e que, portanto, representa um ato de coragem (FREIRE, 2009).

A educação é um processo que está permanentemente em construção. É um processo dialógico e dialético, pois se baseia na contextualização, na interação do sentir e estar no mundo e na vivência do cotidiano como seres ontológicos e éticos. Educar é, portanto, oportunidade de construção, ampliação e revisão de conhecimento, alcançados por meio das interações entre educando e educador nas quais ocorre a interação de e entre culturas que possibilitam o desenvolvimento das potencialidades inatas em cada pessoa e no grupo como um todo.

#### ***4.2.4 A politicidade***

Paulo Freire (2009) tem em seus pensamentos parte da concepção marxista de análise da realidade, o materialismo histórico e dialético, ou seja, uma visão socialista, a qual não está livre das contradições do modo de produção capitalista, expresso pelas desigualdades sociais, onde os interesses das classes dominantes implicam em impor relações de alienação que estão na base do sistema capitalista, particularmente a classe dos opressores, que são a minoria, sobre a maioria, que é a classe dos oprimidos.

Numa sociedade capitalista, a educação do trabalhador visa à sua reprodução enquanto classe assalariada, que é obrigada a vender sua força de trabalho à classe capitalista. A educação que o reproduz como classe deve capacitá-lo para ser mais e mais eficiente no processo de trabalho. Processo, como salienta Marx, “entre objetos comprados pelo capitalista, entre objetos que lhe pertencem”. A força de trabalho, de um lado, os meios de produção, de outro. Quanto mais rentavelmente se combinem aquela e estes na produção de valor de troca, isto é, da mercadoria vendável, melhor. A educação a serviço desta combinação rentável não pode ter, obviamente, como objetivo desvelar seu caráter alienador. O que ela tem de fazer, por isto mesmo, é ocultá-lo, reduzindo o processo formador à transferência daquele saber como fazer, tomado como neutro. Este é, apenas, um dos importantes aspectos das relações entre educação e produção na sociedade capitalista. (FREIRE, 2009, p. 129)

No trecho a seguir Freire (2009) utiliza exploração como sinônimo de opressão, pois começa falando de oprimidos e opressores e continua na mesma reflexão.

Os oprimidos, como objetos, como quase “coisas”, não têm finalidades. As suas são as finalidades que lhes prescrevem os opressores. Em face de tudo isto é que se coloca a nós mais um problema de importância inegável a ser observado no corpo destas considerações, que é o da adesão e consequente passagem que fazem representantes do polo opressor ao polo dos oprimidos. De sua adesão à luta destes por libertar-se. Cabe a eles um papel fundamental, como sempre tem cabido na história desta luta. Acontece, porém, que, ao passarem de exploradores ou de espectadores indiferentes ou de herdeiros da exploração – o que é uma conivência com ela – ao polo dos explorados, quase sempre levam consigo, condicionados pela “cultura do silêncio”, toda a marca de sua origem. Seus preconceitos. Suas deformações, entre estas, a desconfiança do povo. Desconfiança de que o povo seja capaz de pensar certo. De querer. De saber. (FREIRE, 2009, p. 47)

Para o autor, a opressão é um controle esmagador, é necrófila e nutre-se do amor à morte, e não do amor à vida. Educar é um ato político, educar é ensinar o educando a se posicionar politicamente no mundo. Não há como ser imparcial. Da mesma forma, não há como ser imparcial e neutro sendo professores trabalhando com pessoas. Nesse sentido, as palavras de Freire (2009), “não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que minha posição não pode ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto e aquilo” (2009, p. 63).

Ainda acrescenta que a “neutralidade da educação, de que resulta ser ela entendida como um quefazer puro, a serviço da formação de um tipo ideal de ser humano, desencarnado do real, virtuoso e bom, é uma das conotações fundamentais da visão ingênua da educação” (FREIRE, 2009, p. 15).

Segundo o autor, existem duas grandes classes sociais, os opressores e os oprimidos, que estão em constante luta de poder, onde os opressores lutam para se manter no poder e os oprimidos para se desvencilhar da opressão. Educar é o reconhecimento dessa luta, educar é a consciência do seu pertencimento, é o reconhecimento desse quadro social, é uma ação em busca da ação para a libertação, é o ato de reconhecer a contradição que está no cotidiano, é perceber que estamos em uma sociedade dividida, é perceber uma sociedade injusta, desigual e violenta, onde um pequeno número usufrui do trabalho de uma maioria oprimida. No meio dessa luta, ou o sujeito está do lado dos opressores ou dos oprimidos, não há meio-termo, ou seja, dizer-se neutro ou imparcial é estar a favor da ordem, é a adesão ao sistema, é abster-se da luta colaborando para a manutenção do sistema, implicando assim a educação como um ato político.

Vale ressaltar, entretanto, que ao se afirmar, à luz da pedagogia freiriana, ser política a educação, não se está afirmando que esta politicidade é partidária.

Toda educação é política, não pode deixar de sê-lo. O que não significa que os educadores imponham as linhas do seu partido aos educandos. Uma coisa é a politicidade da educação e outra coisa é a opção partidária do educador. Eu não tenho o direito de impor aos educandos e educandas a preferência pelo meu partido no Brasil, de maneira nenhuma. Mas tenho o dever de dizer aos educandos qual é o meu partido. Isto de dizer que o educador deve manter uma distância para não influir nos educandos para mim é profundamente falso. Eu não tenho dúvida de que o grande respeito que tenho pelos educandos manifesta-se no testemunho que lhes dou sobre a força com que luto pelos meus ideais. Isto é educativo. Agora, ao mesmo tempo, devo respeitar profundamente as ideias deles e delas, ainda que contrárias às minhas, porque se eu me afirmo e proíbo que eles se afirmem, então eu sou autoritário, incoerente e minha pedagogia é hipócrita. (FREIRE, 2009, p. 73)

Pelo exposto, vale que Freire (2009) não esconde suas posições partidárias, mas deixa claro o seu respeito por posições contrárias e, no que tange à alfabetização, é imprescindível que o alfabetizador de adultos tenha consciência dessa politicidade. De acordo com o autor,

[...] eu não tenho porque esconder as minhas posições para os meus alunos: eles ou elas não me respeitariam, pensariam que tenho vergonha de dizer as coisas pelas quais luto [...] o professor não pode escondê-las e precisa dizer aos estudantes: “reconheço que, culturalmente, a palavra do professor pesa, mas é preciso que vocês aprendam a medir o peso da palavra do professor. Não se deve escutá-lo só porque ele é o professor [...]” (FREIRE, 2009, p. 123).

Ele explicita detalhadamente a necessidade da tomada de posição do educador, afirmando que se a opção do educador ou da educadora for pela modernização capitalista, a alfabetização de adultos

Não pode ir, de um lado, além da capacitação dos alfabetizandos para que leiam textos sem referência ao contexto; de outro, da capacitação profissional com que melhor vendam sua força de trabalho, entretanto, se revolucionária é a sua opção, o fundamental na alfabetização de adultos é que os alfabetizandos descubram que o importante mesmo não é ler histórias alienadas e alienantes, mas fazer história e por ela serem feitos (FREIRE, 2009, p. 69-70).

Então, a verdade é que não existe a possibilidade de uma educação neutra. Os diferentes conhecimentos sempre se apresentam permeados por diferentes ideologias, assim sendo a educação é política e não há neutralidade ou imparcialidade.

#### ***4.2.5 Temas Geradores: uma proposta para o ensino***

O uso de “temas geradores” emergiu da proposta pedagógica elaborada por Paulo Freire (2009) na qual segundo o autor é assim chamado porque, segundo ele, “qualquer que seja a natureza de sua compreensão como da ação por eles provocada, contém em si a possibilidade de desdobrar-se em outros tantos temas que, por sua vez, provocam novas tarefas que devem ser cumpridas” (FREIRE, 2009, p. 53).

Nos dias atuais, com a evolução constante do ensino, defende-se a ideia e a necessidade de ensinar de forma contextualizada, porém muitos professores consideram que contextualizar é apenas encontrar aplicações práticas no dia a dia do estudante. No entanto, trabalhar a proposta de Paulo Freire (2009) vai muito além. Baseia-se na realidade do educando, levando-se em conta suas experiências, suas opiniões e sua história de vida e conduzindo o estudo aos temas geradores. Paulo Freire (2009) relata que todos se movem como educadores porque, primeiro, se movem como gentes e assim precisa-se perceber que o mesmo ocorre com os estudantes, os quais têm seus interesses e direitos à aquisição de conhecimento.

Muitas vezes a escola pretende ensinar um conjunto de conteúdos e conhecimentos que não correspondem às necessidades imediatas dos estudantes, principalmente estudantes da EJA. Além disso, analisa o aprendizado dos estudantes a partir de avaliações sobre os seus progressos mesmo que eles não consigam aprender adequadamente. Os temas geradores são, nesse sentido, estratégias metodológicas de um processo de conscientização da realidade opressora vivida nas sociedades desiguais. Os temas geradores são extraídos da prática de vida dos estudantes, substituindo os conteúdos tradicionais por meio de metodologias pedagógicas que oportunizam um enfoque interdisciplinar em uma problemática estudada.

Os temas que foram captados dentro de uma totalidade, jamais serão tratados esquematicamente. Seria uma lástima se, depois de investigados na riqueza de sua interpretação com outros aspectos da realidade, ao serem „tratados“, perdessem esta riqueza, esvaziando-se de sua força na estreiteza dos especialismos. Feita a delimitação temática, caberá a cada especialista, dentro de seu campo, apresentar à equipe interdisciplinar o projeto de „redução“ de seu tema. No processo de „redução“ deste, o especialista busca os seus núcleos fundamentais que, constituindo-se em unidades de aprendizagem e estabelecendo uma sequência entre si, dão a visão geral do tema „reduzido“. (FREIRE, 2009, p. 133-134)

Os temas geradores vêm de ação-reflexão-ação que são carregados de conteúdos sociais e políticos com significado relevante para a vida dos estudantes. Assim, tais propostas podem ser usadas como ação conscientizadora e devem conter conteúdos significativos para os estudantes.

### 4.3 O Teatro do Oprimido

Augusto Boal (2005) nasceu em 17 de março de 1931 no Rio de Janeiro. É considerado um dos mais importantes diretores de teatro da atualidade. Doutorou-se em engenharia química e estudou dramaturgia em Nova York, iniciando aos vinte e cinco anos uma carreira profissional no teatro. Em 1971, Boal (2005) foi cassado pela ditadura militar de 1964, sendo preso e torturado. Posteriormente, partiu para o exílio. Durante este tempo passou por diversos países da América Latina, Estados Unidos e Europa.

Inspirado nos princípios da Pedagogia do Oprimido do grande educador humanista, seu contemporâneo, Paulo Freire (2009), Boal (2005) criou o Teatro do Oprimido na década de 1970 no contexto de ditadura na América Latina, defendendo o teatro como uma atividade essencialmente política e como um instrumento de luta pela libertação das classes oprimidas e desfavorecidas. Desde o início de sua carreira no teatro de Arena até o Teatro do Oprimido, técnica que o tornou mundialmente conhecido, sua preocupação foi a de criar uma linguagem que pudesse traduzir a realidade do seu país, onde pudesse se expressar, falar, sentir e pensar.

Ao tratar do principal objetivo do Teatro do Oprimido, Boal esclarece que, para se compreender bem a Poética do Oprimido, “deve-se ter sempre presente seu principal objetivo: transformar o povo, „espectador“, ser passivo no fenômeno teatral, em sujeito, em ator, em transformação da ação dramática” (BOAL, 2013, p.181-182).

Ele desenvolveu a técnica do Teatro do Oprimido durante seu exílio, e sua mais longa atuação foi na França, onde lecionou na Sorbonne e fundou o Centre de Théâtre de l'Opprimé (C.T.O.) de Paris com o apoio do governo francês desde 1978. O trabalho de Boal (2005) foi reconhecido internacionalmente. Segundo ele, o Teatro do Oprimido foi inspirado diretamente no título do livro e na metodologia de Freire (2009) “Pedagogia do Oprimido”, de que “todo mundo pode ensinar a todo mundo” através da democracia e do diálogo, o que implica refletir sobre como este pode ser um instrumento que auxilie a transformação da realidade e qual seria o seu papel social em uma pedagogia que se proponha libertadora dos sujeitos que nela atuam.

Boal (2005) propõe uma conscientização política dos sujeitos acerca de sua realidade opressora. Para tanto, seriam usadas todas as capacidades estéticas (palavra, imagem, toque, som, cheiro, sinestesia etc.) por meio do teatro. O oprimido seria “o sujeito despossuído, desprovido do direito de falar, do direito de ter a sua personalidade, do direito de ser” (BOAL, 2013, p. 77).

Nessa perspectiva, o oprimido seria apenas figurante nas cenas, em que a maioria das falas seria da elite. Boal (2005) não questiona se foi possível ou não a existência das artes sem a figura individual do artista. Esta premissa é, na verdade, necessária ao autor para assentar sua história do teatro “numa „apropriação primitiva”, a dos meios de produção teatral. A história do teatro seria a da sua progressiva reapropriação pelo povo, história da qual o Teatro do Oprimido seria o ponto de chegada (BOAL, 2017, p. 31).

A prática do Teatro do Oprimido pressupõe ações concretas e continuadas, que constituem o fundamento de seu caráter pedagógico. É um aprendizado marcado pela experiência militante nas comunidades em que tem lugar, em cada contexto social. Funda-se na consequência e coerência entre teoria e prática, sendo as práticas justificadas pelo engajamento que surge. Conceber a própria luta como um processo pedagógico supõe a consciência do movimento da história, afastando-se de qualquer fatalismo, engendrando o ser humano como ser em constante construção.

O Teatro do Oprimido é, em suma, de forma organizada, politizada, que pretende transformar todos os conceitos de opressão que são impostos ao oprimido, onde o ato de transformar transforma aquele ou aquela que o pratica. Nos termos do autor, um poeta se faz “poetando, um escritor escrevendo, um compositor compondo, um professor ensinando e aprendendo, um Curinga curingando – um cidadão se faz agindo, social e responsavelmente. O ato de transformar é transformador!” (BOAL, 2005, p. 190).

Para Boal (2005), o Teatro do Oprimido é a reflexão sobre os modos de organização social a partir da relação entre oprimido e opressor, visando à transformação da realidade. Vale salientar que o Teatro do Oprimido pode ser utilizado tanto por atores quanto por não atores. Não é preciso ser ator para buscar a reflexão das práticas sociais mediante as técnicas do Teatro do Oprimido, pois segundo o autor, na vida real sempre estamos atuando, elaborando ideias, assimilando e transmitindo-as constantemente (BOAL, 2005). Além disso, o educador do evento teatral e o espect-ator podem fazer encenações, pois são sujeitos ativos de reflexões e de suas próprias ações.

O Teatro do Oprimido é um movimento teatral de prática cênico-pedagógica que possui características de militância e destina-se à mobilização do público, vinculado ao teatro de resistência. Assim, o Teatro do Oprimido é uma manifestação artística capaz de colaborar na construção de uma sociedade em que a ideia de participação possa ser mais eficiente.

#### ***4.3.1 A estética da árvore de Boal***

Augusto Boal (2005) escolheu a árvore, representada pela figura 1, como símbolo para representar seu método, por estar em constante transformação e ter a capacidade de multiplicação. A *Árvore do Teatro do Oprimido* representa a estrutura pedagógica do Método que tem ramificações coerentes e interdependentes. Suas raízes fortes e saudáveis estão fundadas na *Ética* e na *Solidariedade* e se alimentam dos mais variados conhecimentos humanos. O solo do Teatro do Oprimido deve ser fértil, para que cresça saudável e dê bons frutos, baseados em todos ideais de Augusto Boal (2005), o qual traz acesso a saberes para criações.

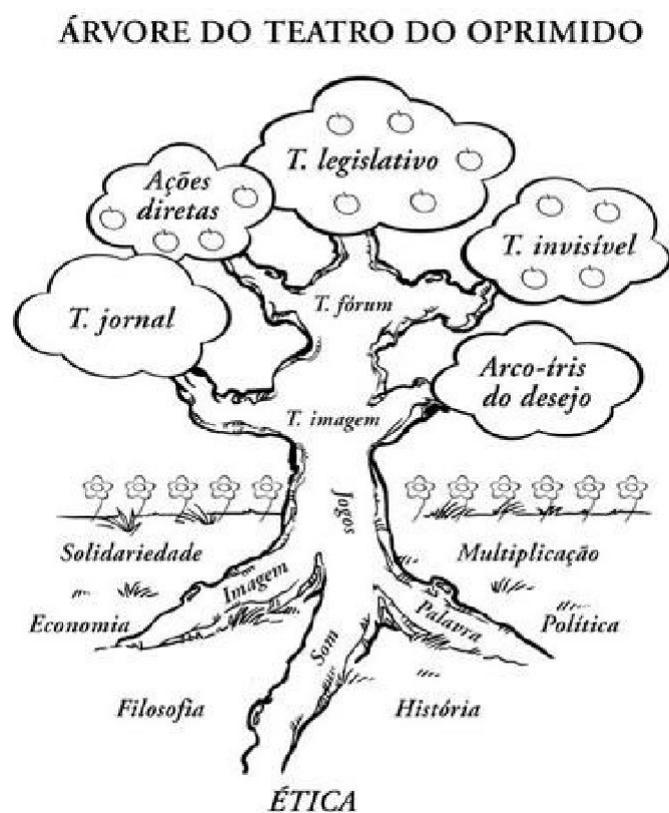


Figura 1 – Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas – Representativa da *Árvore do T.O.* e a *Estética do Oprimido* (BOAL, 2005).

As centenas de Exercícios e Jogos do arsenal do Teatro do Oprimido estão na base do tronco da *Árvore* e são fundamentais para o desenvolvimento de todas as técnicas. Na *Árvore do Teatro*, a *ética* e a *solidariedade* são fundamentos e guias. A *multiplicação*, representada por uma ave, é a estratégia, e a promoção de ações sociais concretas e continuadas para a superação de realidades opressivas, a meta.

Em suas ramificações encontramos seus jogos teatrais, cada qual com seus objetivos específicos, como o Teatro Imagem, Teatro Jornal, Teatro Legislativo, Teatro Invisível, Arco-íris do desejo e o Teatro Fórum. Este último é o que apropriamos em nosso trabalho.

### **4.3.2 O Teatro-fórum**

No Peru, em 1973, Boal (2005) participou de um programa de alfabetização por meio do Teatro, contexto no qual surgiu o Teatro Fórum. Desde o início de sua carreira, no teatro de arena, até o Teatro do Oprimido, técnica que o tornou mundialmente conhecido, sua preocupação foi a de criar uma linguagem que pudesse traduzir a realidade do seu país, onde pudesse se expressar, falar, sentir e pensar.

O Teatro-fórum é a técnica considerada pelo próprio Boal (2005) como a mais democrática, sendo a mais conhecida e praticada. Essa técnica:

Usa ou pode usar todos os recursos de todas as formas teatrais conhecidas, a estas acrescentando uma característica essencial: os espectadores – aos quais chamamos de espect-atores – são convidados a entrar em cena e, atuando teatralmente e não apenas usando a palavra, revelar seus pensamentos, desejos e estratégias, que podem sugerir ao grupo ao qual pertencem um leque de alternativas possíveis por eles próprios inventadas: o teatro deve ser um ensaio para a ação na vida real, e não um fim em si mesmo (BOAL, 2005, p. 19).

O Teatro-fórum é composto essencialmente por dois personagens principais contrários: “o oprimido, que assume o papel de protagonista, e o opressor. Em uma cena de Teatro-fórum, o mais importante que solucionar o conflito encenado é suscitar o conflito de ideias, a argumentação e a contra-argumentação” (BOAL, 2005, p. 345).

Para tal estímulo, além dos espect-atores, que podem, em qualquer ambiente, mesmo em uma sala de aula, ser interpretados como os estudantes, tem também um personagem fundamental característico de toda cena de fórum: o curinga, que em sala de aula pode ser traduzido na figura do professor, o mediador do debate suscitado pela cena.

Há um pequeno debate com a plateia após a apresentação da peça, incentivando a participação e permitindo que os espect-atores troquem de lugar com o oprimido-ator para ensaiarem novas formas de solucionar a situação representada. É um modo de aprofundar a realidade de forma mais lúdica e que desperta o desejo de transformar o mundo. (BOAL, 2005 p. 163)

O que move a peça é a motivação do oprimido, a sua vontade de se libertar da opressão. Segundo Boal (2005), o espectador deve conhecer a ideologia de cada personagem a

fim de viabilizar o debate. Na peça, a situação não se resolve a favor do oprimido, que luta para fugir daquela situação de opressão, mas as pressões são fortes. É este fato que leva os sujeitos da plateia, convidados pelo “curinga”, a identificarem os sinais de opressão e a intervirem na cena, a desejarem “saltar” para o lugar do oprimido e ensaiarem outras respostas.

Para Boal (2005), diversas situações de opressão podem ser observadas no cotidiano, com contornos diversos, marcadas pela discriminação e por preconceitos, dos quais muitos não são discutidos e, poucas vezes, resolvidos. Então, o Teatro-fórum é um método que tem como principal objetivo transformar os sujeitos de seres passivos e depositários em protagonistas da ação dramática e, sobretudo, que recusa contentar-se em refletir sobre o passado, mas prepara o futuro de forma libertadora.

Além da discussão e da reflexão de assuntos do cotidiano por meio da exploração de histórias de vida entre opressor e oprimido, ocorre a estimulação da criatividade e da capacidade de propor alternativas para as mesmas questões. Assim, o Teatro-fórum é um método de ação para a resolução de conflitos e para a transformação da realidade social e individual. Nas palavras do criador do Teatro do Oprimido, que tão bem abraça os valores da participação e do empoderamento “a Estética do Oprimido é trânsito; esperança, não conformismo!” (BOAL, 2005, p. 167).

#### **4.4 Paulo Freire e Augusto Boal – Entre o Teatro e a Educação**

Ao fazer um paralelo entre as teorias de Freire (2009) e Boal (2005), observa-se uma ligação muito interlaçada entre suas pedagogias, ou seja, ambos dão ênfase às práticas educativas, associando ao ensino as experiências vividas, o trabalho e a política. Freire (2009) e Boal (2005) trabalham a partir da dialogicidade, para que os sujeitos relatem suas próprias experiências. Com isso, faz uso da sua autonomia, o que influi na transformação do mundo, desenvolvendo sua consciência crítica.

A educação é um ato dialógico que se realiza por meio da comunicação e da troca de experiências. Ambos os autores defendem a ideia de que educar é conhecer, é ler e é interpretar o mundo para transformá-lo, com o intuito de uma libertação, por meio da dialogicidade, ou seja, uma dimensão dialógica de cunho popular ligada, portanto, ao trabalho, ao emprego, à pobreza, à fome, à doença etc.

O teatro popular e a educação popular são processos de construção social inseridos em um contexto histórico de sua época, sendo, pois, fruto das diferentes situações políticas do seu momento de produção e construção, por isso traz em si princípios da realidade vivida por seus sujeitos. Freire (2009) e Boal (2005), ao idealizarem seus pensamentos, provocam a reflexão e propiciam os debates sobre estas questões veladas da sociedade.

O próprio Boal (2005) reconhece que seu trabalho, principalmente a concepção do Teatro do Oprimido, sofreu grande influência do pensamento de Paulo Freire (2009), principalmente de obras como *Pedagogia da Autonomia* e *Pedagogia do Oprimido*. Segundo Boal (2005), Paulo Freire (2009) inventou um método que ensina ao analfabeto que ele é perfeitamente alfabetizado nas linguagens da vida, do trabalho, do sofrimento, da luta, e só lhe falta aprender a traduzir em traços, no papel. Maiêutico, Paulo Freire (2009) ajuda o cidadão a descobrir por si só o que faz dentro de si.

Freire (2009), por sua vez, afirma ter conhecido Augusto Boal (2005) na década de 1960 e já naquela época tinha grande admiração pela genialidade que anunciava no teatro, pela seriedade e pela coerência com que diminuía a distância entre o que dizia e o que fazia.

As obras desses dois brasileiros reforçam para o país e para o mundo a necessidade do trabalho de mudança social a partir do sujeito, na coletividade, possibilitando-o a construção de meios de atuação frente a um contexto social menos desigual.

Tanto Paulo Freire (2009) quanto Augusto Boal (2005) têm em seus pensamentos a busca da libertação do oprimido. Boal (2005), assim como Freire (2009), vai além ao pensar nos oprimidos, pois pensa na realidade teatral quem são os oprimidos e quem são os opressores? O definir o que é um oprimido, Boal (2005) afirma que “não poderia ser o TO o teatro de uma classe, pois nesta coincidem tantos opressores e oprimidos. Em qualquer conjunto como o sexo, a nação ou a raça existem contradições internas que constituem opressões” (BOAL, 2005, p. 35).

Mesmo tratando de temas políticos, em sua maioria, Boal (2005) sustenta que o Teatro do Oprimido não é um teatro de classes, mas um teatro para e com as classes sociais.

O Teatro do Oprimido não é um teatro de classe. Não é, por exemplo, o teatro proletário. Esse tem como temática os problemas de uma classe em sua totalidade: os problemas proletários. Mas no interior mesmo da classe proletária podem existir (e evidentemente existem) opressões. Pode acontecer que essas opressões sejam o resultado da universalização dos valores da classe dominante (“As ideias dominantes numa sociedade são as ideias da classe dominante” – Marx). Seja como for, é evidente que na classe operária pode existir (e existem) opressões de homens contra mulheres, de adulto contra jovens etc. O Teatro do Oprimido será o teatro também desses oprimidos em particular, e não apenas dos proletários em geral. (BOAL, 2005, p. 25)

No que se refere a oprimidos e opressores Boal (2005) deixa claro que a relação entre eles está intimamente ligada ao contexto histórico e social no qual esses grupos se formaram na busca de uma liberdade através da dialogicidade na encenação. O autor desafia os espectadores a pensar como se todos fossem atores atuantes, capazes de representar a partir do que vivem em seu cotidiano e de como vivem as situações de sua realidade. Boal (2005) entende que todas as pessoas são atores, visto que interpretam o tempo todo em sua vida diária, pois vivem vários papéis: o social, o familiar e o profissional.

Ainda, Boal (2005) pensa no teatro como esse espaço de debate, de reflexão, de indignação e de mudança, como deveria ser o espaço político. Um local em que pensamos solidariamente no outro, bem como somos livres e iguais para utilizar a palavra, a imagem e o som, meios que o autor acredita como necessários para transformar o mundo, e não fazia cerimônia ao afirmar que “para mim, as palavras oprimido e espectador são quase sinônimas” (BOAL, 2005, p. 372).

Na mesma vertente de pensamento de Boal (2005), Freire (2009) afirma que

A violência dos opressores, que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores (FREIRE, 2009, p. 63).

Os dois autores acreditam em uma transformação social a partir da realidade dos sujeitos, através da dialogicidade. Estimular a voz ativa e libertadora entre as pessoas para que possam se posicionar autonomamente, para que haja uma libertação do oprimido. Boal (2005) acreditava que o teatro e a arte de forma geral são meios de transformação social. Ao falar do Teatro-fórum como um desses meios, o autor escreve:

O Teatro-fórum – talvez a forma de Teatro do Oprimido mais democrática – [...] usa todos os recursos de todas as formas teatrais conhecidas, e a estas acrescenta uma característica essencial: os espectadores – aos quais chamamos de espect-atores – são convidados a entrar na cena e, atuando teatralmente, e não apenas usando a palavra, revelar seus pensamentos, desejos e estratégias que podem sugerir ao grupo ao qual pertencem um leque de alternativas possíveis por eles próprios inventadas: o teatro deve ser um ensaio para a ação na vida real, e não um fim em si mesmo. O espetáculo é o início de uma transformação social necessária, e não um momento de equilíbrio e repouso. O fim é o começo! (BOAL, 2005, p. 18).

Ele acrescenta que é preciso libertar o espectador de sua condição de espectador, da primeira opressão que o teatro enfrenta, na medida em que o espectador já é oprimido, e a representação teatral lhe dá uma visão acabada do mundo, fechada. Mesmo que aprove essa visão, ele não pode mais mudá-la, é preciso “libertar o espectador de sua condição de espectador, ele então poderá se libertar de outras opressões” (BOAL, 2005, p. 347).

Entendemos existir pontos de encontro entre as teorias de Boal (2005) e Freire (2009), pois há uma convergente sintonia entre a conclusão de Boal (2005) e o pensamento de Paulo Freire (2009). Para este, dizer a “palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira, sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais” (FREIRE, 2009, p. 45).

E, para Boal (2005), o “teatro deve modificar o espectador, dando-lhe consciência do mundo em que vive e do movimento desse mundo. O teatro dá ao espectador a consciência da realidade; é ao espectador que cabe modificá-la” (BOAL, 2005, p. 336).

Ou seja, há que se estimular a consciência ativa e libertadora entre as pessoas, mas cada um também é o responsável eticamente pela sua ação no mundo, se aceitará a postura com um ser condicionado ou se tentará determinar seu lugar, pensamento e situação como ser livre. Para Boal (2005) e Freire (2009), a liberdade só pode ocorrer a partir do momento no qual o sujeito toma consciência da sua realidade de oprimido. Aqui se dá o ponto de encontro entre os dois autores, pois é um pensamento que visa à transformação e libertação dos oprimidos no mundo.

## 5 METODOLOGIA

O projeto desta pesquisa foi desenvolvido em turmas da EJA, uma do primeiro ano e duas do segundo ano do ensino médio noturno, em uma escola estadual da cidade de Uberlândia. A maioria dos estudantes, por terem necessidades econômicas, são obrigados a conciliar os estudos com o trabalho.

Neste estudo foi levantada uma investigação temática em uma roda de conversa mediante uma peça teatral entre o educador e os estudantes relacionada com questões de cunho social e cultural, o que possibilitou aos mesmos temas para a busca de informações para a extração do tema gerador. Também foram abordadas discussões a respeito de temas que os estudantes gostariam de ver na peça, para assim incluir no roteiro já pronto, tendo em que vista que, para Boal (2005), muito mais importante do que chegar a uma boa solução é provocar um bom debate. Também um questionário socioeconômico via *Google Forms* foi aplicado com o mesmo objetivo.

Vale ressaltar que a produção da peça teatral para extração do tema gerador dos estudantes os remete ao estudo das suas aplicações e os leva a conhecer os problemas de sua comunidade, possibilitando a busca de respostas aos problemas levantados durante a peça. Sendo assim, todo processo da metodologia se tornou suficiente para cumprir com o objetivo, pois o Teatro do Oprimido auxiliou na definição do tema gerador.

Visando alcançar o objetivo geral deste trabalho, que foi desenvolver e avaliar uma proposta para o ensino por meio do Teatro-Fórum de Augusto Boal (2005) como forma de extrair o tema gerador de Paulo Freire (2009) e estudar os conteúdos provenientes do universo temático dos estudantes, todas as atividades foram registradas em um diário de bordo, o qual foi utilizado como meio de relato e avaliação do projeto.

A fim de conhecer melhor seus problemas sociais, primeiramente foi realizada uma roda de conversa com a turma. Iniciou-se a problematização com uma pergunta associada ao cotidiano dos estudantes, que, a partir deste momento, puderam se reconhecer no tema estudado. Para que os mesmos se sentissem mais à vontade, foi realizada uma dinâmica para “quebrar o gelo”. A dinâmica consistiu em dispor os estudantes sentados em um círculo para em seguida, em uma folha em branco contendo a seguinte frase: “O meu problema é...”, escrevessem um problema pelo qual estavam passando. Toda a dinâmica foi realizada de modo anônimo, isto é, sem identificação. Depois de preenchida a folha, a mesma foi colocada dobrada em uma caixinha que estava no centro do círculo.

Após todos terem depositado a folha na caixa foi entregue a cada estudante, de modo aleatório, uma das respostas e solicitado que lesse o problema escrito e desse um conselho ou apontasse uma solução. Em continuidade foi promovida uma discussão sobre a questão da opressão na sociedade desigual, estabelecendo relações de sua vida com as questões sociais, de modo que percebessem situações de opressão manifestadas durante a dinâmica do papel. Esse momento foi realizada em um horário de aula com 50 minutos de duração.

Também em um horário de aula com de *50 minutos* foi aplicado um questionário no laboratório de informática. A aula foi iniciada lembrando as questões das discussões trabalhadas anteriormente. Em seguida, os estudantes responderam um formulário pelo *Google Forms*. Nas discussões, observou-se que os problemas constituem temas referentes às suas experiências, vivências cotidianas, relações com as pessoas e com a sociedade. O objetivo do questionário foi compreender os níveis de necessidades econômicas dessa comunidade escolar para fazer reflexões acerca das relações de desigualdades sociais dentro da educação da EJA.

Diferentemente da educação bancária, na qual a classe docente decide tudo sem a participação do estudante, realizou-se o terceiro momento do presente trabalho objetivando auxiliar a elaboração do roteiro da peça que seria apresentada no momento seguinte. Este momento foi executado em um horário de 50 minutos em cada uma das três turmas. Neste momento, houve em uma roda de conversa entre os corpos docente e discente relacionada com questões de cunho social e cultural. A roda de conversa teve como pano de fundo as problemáticas levantadas e discutidas nos momentos precedentes. São elas, gravidez indesejada na adolescência, família, pobreza, relacionamentos, política, racismo, drogas, trabalho, problemas sociais.

O quarto momento se deu com a aplicação da peça do Teatro-fórum, que foi realizada por atores amadores de uma companhia de teatro de Uberlândia. O curinga, cujo papel é motivar e levantar as discussões, foi representado por uma atriz que trabalhou no Teatro de Arena por muitos anos, inclusive em companhia de Augusto Boal (2005). A peça foi realizada na maior sala da escola com todas as três turmas da EJA. No término da peça, os estudantes definiram o final da história do roteiro com um debate auxiliado pelo curinga. Para concluir, foi solicitado aos estudantes que escrevessem a sua sugestão de final, ou seja, que expusessem no papel suas ideias e opiniões, o que propiciou a todos a oportunidade de se expressarem sobre o final da peça. Este material seria entregue posteriormente ao professor.

Essa modalidade de teatro assume uma importância fundamental na formação dos espectadores, aqui no caso estudantes da EJA, uma vez que podem aprender enquanto

criticam e fazem uma análise de sua própria realidade. Ademais, isso torna o Teatro do Oprimido um facilitador na extração do tema gerador. Nesse momento ocorreu a gravação da peça, cujo roteiro foi norteado por um guia educacional e a gravação constituiu os Produtos Educacionais do presente trabalho.

Por fim, houve uma discussão com a classe estudantil para definir o tema gerador. Tal momento foi realizado durante dois horários de aula, ou seja, em 1 hora e 40 minutos. A discussão se deu a partir da seguinte pergunta: “Essa experiência foi libertadora?”.

Antes de a discussão ser iniciada, ocorreu uma dinâmica intitulada “nossa história real” com o objetivo de deixar os estudantes mais à vontade para expressarem suas ideias. A dinâmica iniciou com a contação de uma história, que em seguida foi continuada pelo colega do lado a partir de onde o anterior havia sido interrompido, de modo que todos pudessem participar. Então, a discussão foi estabelecida, considerando a peça teatral apresentada e alguns pontos citados na dinâmica tais como: gravidez indesejada na adolescência, família, pobreza, relacionamentos, política, racismo, drogas, trabalho, problemas sociais, cultura e escola.

Todos estes passos foram anotados em diário pessoal do docente executor da proposta. O diário é o principal documento para registro dos resultados, e, apesar de ser pessoal, a descrição dos fatos presente no mesmo foi realizada, em sua totalidade, sem a emissão de opiniões pessoais. A reflexão sobre os passos e fatos obtidos, incluindo observações pessoais feitas em momentos separados, buscou não permitir que opiniões pessoais pudessem impor alguma visão diferente da realidade observada.

## 6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 6.1 Primeiro Momento: roda de conversa

Com o objetivo de conhecer os problemas pessoais das turmas ao responderem à questão “O meu problema é...”, tivemos uma roda de conversa que os fizeram debater a péssima situação financeira. É fato que o opressor em seu papel de dominador e docilizador sobre os oprimidos tenta garantir que eles tenham uma visão fatalista de sua realidade, além de impregnar em sua mente a ausência de qualidades onde tudo acontece por mérito ou por mera fatalidade do destino. Podemos observar na figura 3 abaixo a visão fatalista em seus pensamentos.

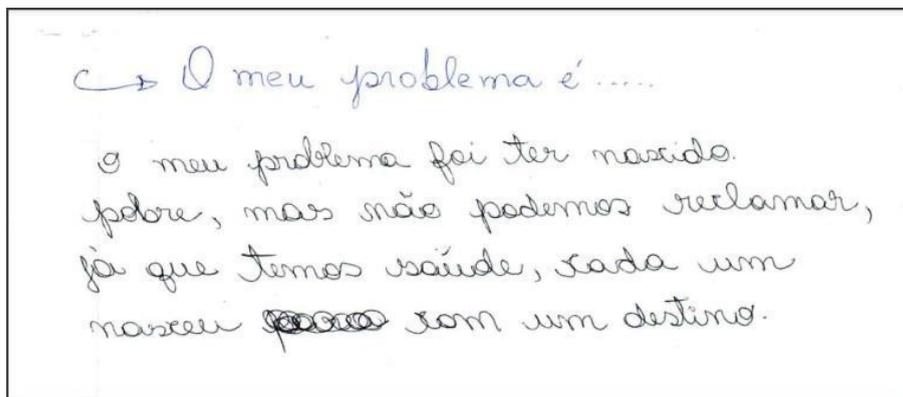


Figura 2 – Relato de uma estudante na atividade do 1º Momento do trabalho.

Fica claro que esse estudante tem uma visão fatalista que é imposta pelos opressores e que o mobiliza fazendo perder a esperança diante do futuro social, político, cultural e histórico ao dizer que “cada um nasceu com um destino”. É fato que toda opressão impõe e reforça uma visão de mundo do sujeito oprimido que o inferioriza perante o opressor e diante da sociedade, reportando aos modos coletivos de diferentes níveis sociais existentes por ser algo normal e predestinado à sua condição social. Sobre essa postura Freire (2009) enfatiza que

Daí a minha recusa rigorosa aos fatalismos quietistas que terminam por absorver as transgressões éticas em lugar de condená-las. Não posso virar conivente de uma ordem perversa, irresponsabilizando-a por sua malvadez ao atribuir a „forças cegas“ e imponderáveis os danos por ela causados aos seres humanos (FREIRE, 2009, p. 113).

Na figura 4 e na figura 5 a seguir nota-se o quanto o pensamento da crença falsa, isto é, a questão da meritocracia, está internalizada no pensamento do oprimido, ou seja, quanto mais trabalha, maior é a chance de ficar rico.

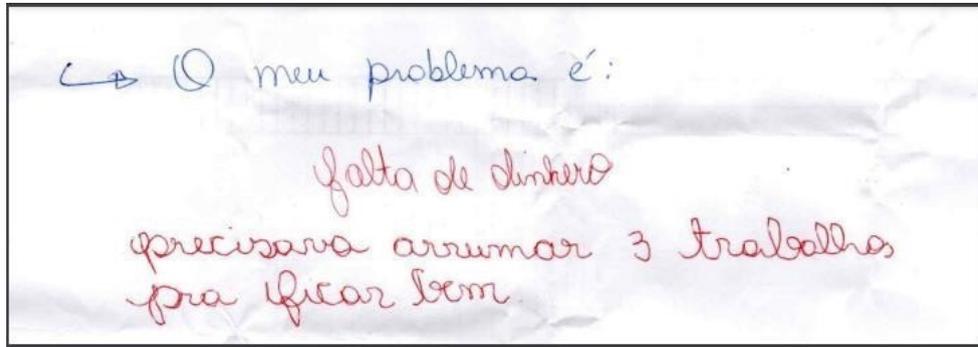


Figura 3 – Relato de um estudante na atividade do 1ª Momento do trabalho.

Por trás dos mecanismos do sistema financeiro, articulados com os interesses estratégicos dos opressores, o ritmo desse processo do sistema é imposto, deixando a maioria dos oprimidos cada vez mais fragilizados, mais excluídos e sufocados pela imposição social. Isso fica patente a partir da visão desses estudantes.

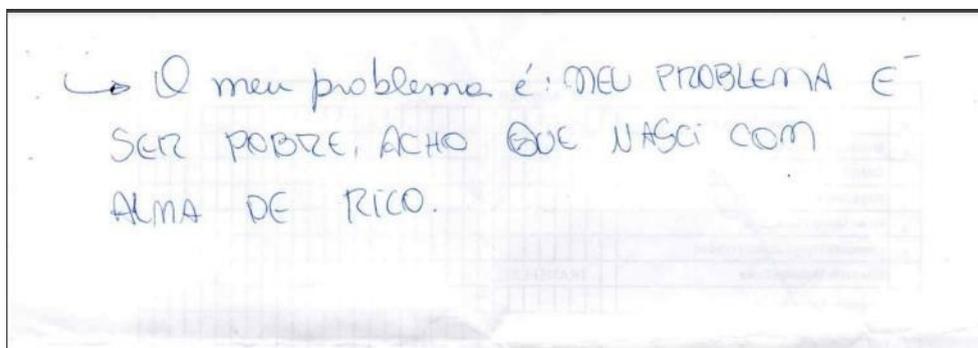
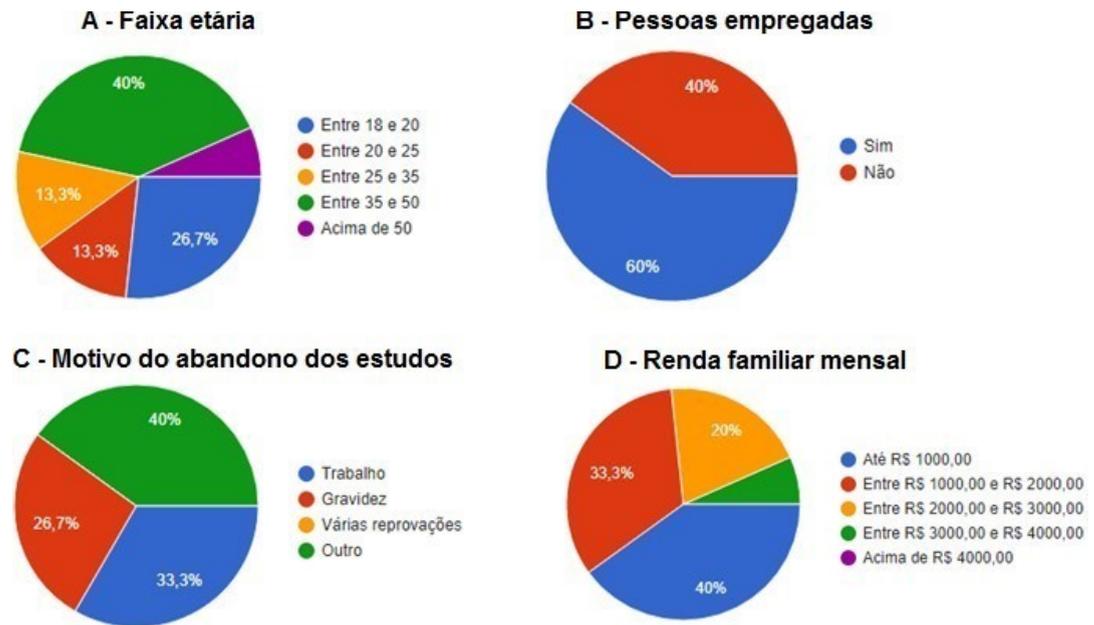


Figura 4 – Relato de um estudante na atividade do 1ª Momento do trabalho.

## 6.2 Segundo momento: resultados gráficos socioeconômicos-culturais

Conforme foi aplicado o questionário socioeconômico-cultural por meio do *Google Forms*, segue a coleta de dados do questionário aplicado aos estudantes. Os dados foram analisados e tabulados, ou seja, uma vez contadas às respostas, apresentaram-se os resultados em gráficos, seguidos das discussões.



Fonte: Autores

Figura 5 – Análise gráfica dos resultados do questionário aplicado no 2ª Momento do trabalho.

Para entender o levantamento sobre a realidade socioeconômica no ensino da EJA, foi analisado o perfil econômico dos estudantes, sendo que os dados levantados e seus índices estão demonstrados na figura 6 acima.

Realizou-se o questionário do *Google Forms*, compostas por 42 estudantes da EJA do Ensino Médio noturno, uma turma do 1º ano com 13 estudantes e duas turmas do EJA do 2º ano, com 12 e 17 estudantes, todos matriculados na escola no início do ano de 2022. A primeira questão refere-se ao gênero dos 42 participantes da pesquisa, dentre os quais 56% são do gênero feminino e 44% do gênero masculino. Essa questão demonstra a realidade feminina, que está relacionada aos motivos da evasão, tais como casamento ou nascimento de filhos, caso em que não conseguem conciliar e priorizar o cuidado com os filhos pequenos.

Dos 42 estudantes que responderam o questionário, 17 têm entre 35 e 50 anos, 12 estudantes têm entre 18 e 20 anos, 6 estudantes têm entre 20 e 25 e outros 6 entre 25 e 35 anos. Apenas 1 estudante tem acima de 50 anos, como pode ser observado no Gráfico 1.

No gráfico A, vemos que a faixa etária dos estudantes da EJA varia de 18 anos a mais de 50 anos. Essas diferenças socioeconômicas e de valores culturais estão presentes historicamente nos motivos da evasão, e quanto maior for a exclusão, mais fica evidente o baixo rendimento educacional na expressão quantitativa.

No livro “A Pedagogia do Oprimido”, Paulo Freire (2009) reforça a importância de se considerar a bagagem cultural que o estudante leva para a escola:

Não há nada melhor para o desenvolvimento dos alunos que o respeito aos conhecimentos com os quais o aluno já chega ao adentrar à escola, sendo o dever do professor e mesmo da instituição o de instigar para que esses conhecimentos sejam ampliados e até mesmo melhorados, entendidos em um contexto amplo (FREIRE, 2001, p. 42).

No gráfico B, buscou-se o número de estudantes que estavam empregados ou desempregados. De acordo com os dados levantados, a maioria encontra-se trabalhando. Esses dados reforçam a necessidade de o jovem ter que trabalhar para ajudar no sustento da família, o que geralmente o motiva a abandonar os estudos.

Com relação ao motivo de abandono dos estudos, podemos observar no gráfico C sua proporção. O abandono dos estudos é concretizado quando o estudante deixa de frequentar as aulas no decorrer do ano letivo. Ao se analisar essa trajetória, foi constatado que o abandono dos estudos gerado por algum motivo não esclarecido. Ademais, o fator econômico aparece em segundo lugar, pois a maioria necessitava trabalhar para ajudar em casa. Em terceiro lugar, com 26,7%, vem a questão da gravidez na adolescência.

Já no gráfico D temos a relação da renda familiar. Identifica-se que apenas 20% dos estudantes têm renda de até R\$ 3000,00, e 33,3% tem renda entre R\$ 1000,00 e R\$ 2000,00, sendo que 40% dos estudantes recebem um total no máximo de R\$ 1000,00 mensais incluindo o salário de todos que moram juntos, que é uma renda muito baixa levando em consideração o alto custo de vida.

Com base nas respostas obtidas, a importância dos estudos na vida dos jovens e adultos, bem como a conquista da consciência crítica, são fundamentadas na seguinte declaração de Paulo Freire (2009):

O processo de alfabetização de adultos, visto de um ponto de vista libertador, é um ato de conhecimento, um ato criador, em que os alfabetizandos exercem o papel de sujeitos cognoscentes tanto quanto os educadores. Obviamente, então, os alfabetizandos não são vistos como “vasilhas vazias”, meros recipientes das palavras do educador (FREIRE, 2009, p. 105).

No geral, o questionário mostrou que, dentre os estudantes da EJA, a maioria foi exposta a situações complexas relacionadas às dificuldades financeiras e familiares, entre outras, o que levou ao abandono da escola.

### 6.3 Terceiro Momento: temas para criação do roteiro

No terceiro momento buscou-se encontrar temas para criação do roteiro a ser desenvolvido na peça teatral. O objetivo foi conhecer os problemas mais particulares que essa comunidade estudantil vive para criação de uma história dramática, verdadeira e real.



Figura 6 – Fotografia da roda de conversa na atividade do 3ª Momento do trabalho.

No Teatro-fórum, modalidade escolhida para a apresentação, o público tem a possibilidade de escolher o final da peça, inclusive participar da mesma, causando um pensamento crítico, diferentemente do teatro tradicional, onde se assiste a uma peça sem ter a oportunidade de fazer comentários. No Teatro-fórum, “uma ideia nunca deve ser imposta. O Teatro-fórum não prega nada, não é dogmático, não tenta manipular as pessoas. No melhor dos casos, liberta os espect-atores, os incentiva e os transforma em atores – e em seres de ação” (BOAL, 2005, p. 71).

A partir de uma investigação temática por meio de uma roda de conversa entre o docente e estudantes relacionada com questões de cunho social e cultural, cujo pano de fundo foram as problemáticas levantadas e discutidas nos momentos anteriores. Como diz Boal (2005), “muito mais importante do que chegar a uma boa solução é provocar um bom debate”. A roda de conversa foi conduzida aos problemas do cotidiano da turma, mas alguns estudantes relataram problemas particulares, com temas sobre aborto, crime, drogas, tráficos, discriminação e política.

Um estudante relatou que descobriu a traição de sua namorada; então, para se vingar, fez o mesmo, inclusive com a melhor amiga dela. Porém, algo muito grave aconteceu: ela engravidou. Sem saber o que fazer, esse mesmo estudante deu a ideia de ver na peça algo parecido e em tom de brincadeira disse: “vai que surge uma luz no fim do túnel para o meu

problema”. Nesse sentido, Boal (2005) propõe que “não é o teatro no qual o artista interpreta o papel de alguém que ele não é: é o teatro no qual cada um, sendo quem é, representa seu próprio papel (isto é, organiza e reorganiza sua vida, analisa suas próprias ações) e tenta descobrir formas de libertação” (BOAL, 2005, p. 25).

Segundo outra estudante, todas as mulheres da sua família ficaram grávidas sem casar, e ela mesma parou de estudar pelo mesmo motivo, só voltando agora porque a criança cresceu e fica com a sua mãe. Esse foi um dos momentos de maior expressão para a criação da peça, pois o roteiro foi construído com base nas vivências dos estudantes, que a partir das discussões e dos temas citados criaram a história para a peça intitulada “Um problema (ou mais)”.

A história se passa em uma casa, com uma família desestruturada, onde o pai é machista, a mãe internada por alcoolismo e a filha está grávida do amigo do namorado de sua melhor amiga, a qual se prostitui. Foi a criação de uma cena voltada para situações de alguns dos problemas da realidade dessa comunidade. A partir daí, os estudantes puderam dar suas opiniões e falar sobre os problemas, o que muitas vezes não é oportunizado. Como diz Boal (2005), a estética do oprimido procura desenvolver nos participantes a capacidade de perceber o mundo.

#### **6.4 Quarto Momento: a peça – Um problema (ou mais)**

A figura 7 mostra a realização do 4ª momento, que foi a apresentação da peça na modalidade Teatro-fórum.



Figura 7 – Fotografia da apresentação da peça: Um problema (ou mais).

Foi o momento mais significativo deste trabalho, o qual possibilitou a materialização de alguns dos pensamentos dessa comunidade estudantil em relação a sua própria realidade: “Sejamos democráticos e peçamos às nossas plateias que nos contem seus desejos, que nos mostrem suas alternativas” (BOAL, 2013, p. 324).

Foi nesse momento que tais estudantes puderam falar e depois colocar no papel o seu ponto de vista, talvez particularidades que nunca antes tiveram oportunidade de dizer. Assim, puderam falar com autoridade a respeito de sua própria visão de mundo, denotando ser teatro é um espaço para todos, é um lugar que podem falar um espaço em que todos podem pensar e se expressar. De fato, o “teatro deve modificar o espectador, dando-lhe consciência do mundo em que vive e do movimento desse mundo. O teatro dá ao espectador a consciência da realidade; é ao espectador que cabe modificá-la” (BOAL, 2013, p. 336).

A apresentação da peça “Um problema (ou mais)” revelou momentos importantes para a reflexão do tema gerador. Foram momentos nos quais os estudantes puderam falar, e alguns chegaram a participar com os atores, experimentando papéis que às vezes pareciam um grito de socorro para romper a opressão vivida por si próprios.

Cada cena instalada criou a oportunidade para os expectadores, que por vezes também se colocaram como atores – espect-atores –, conforme definido por Boal (2013), e experimentassem novas possibilidades. A execução da peça permitiu a reflexão acerca das atitudes e comportamentos de cada um na relação com o outro, assim como de suas diferenças e opiniões sobre uma sociedade diversificada e plural. Os estudantes propuseram várias inserções e, com o auxílio do curinga, a peça foi apresentada com três possíveis e diferentes finais.

Ao finalizarem as encenações e o debate, o professor sugeriu aos estudantes que redigissem um texto (pois nem todos tiveram oportunidade de falar durante a peça) descrevendo o que sentiram perante os problemas apresentados durante a peça, como machismo, gravidez indesejada, prostituição etc.

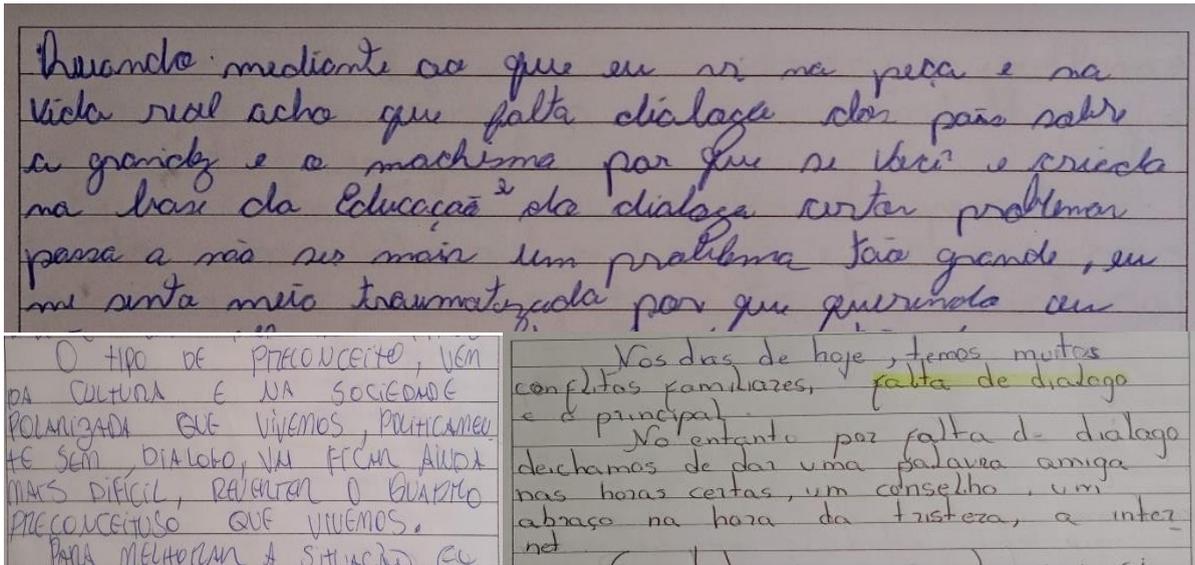


Figura 8 – Relato de estudantes na atividade do 4º Momento do trabalho.

Podemos observar na figura 8 que a maioria dos estudantes descreve em seu texto que o principal motivo dos conflitos familiares é a falta de diálogo. Como afirma Freire (2009), o conhecimento tem que ser dialógico, para que haja uma educação libertadora e, conseqüentemente, chegar à transformação da realidade.

Comecemos por afirmar que somente o homem, como um ser que trabalha, que tem um pensamento-linguagem, que atua e é capaz de refletir sobre si mesmo e sobre a sua própria atividade, que dele se separa, somente ele, ao alcançar tais níveis, se fez um ser da práxis. Somente ele vem sendo um ser de relações num mundo de relações. [...] Desprendendo-se do seu contorno, veio tornando-se um ser, não da adaptação, mas da transformação do contorno, um ser de decisão. [...] Daí que, para este humanismo, não haja outro caminho senão a dialogicidade. Para ser autêntico só pode ser dialógico. E ser dialógico, para o humanismo verdadeiro, não é dizer-se descomprometidamente dialógico; é vivenciar o diálogo. Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. (FREIRE, 2002, p. 39)

Ainda, de acordo com o autor, “o que se pretende com o diálogo é a problematização do próprio conhecimento em sua indiscutível relação com a realidade concreta na qual se gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explicá-la, transformá-la” (FREIRE, 2002, p. 52).

Nesse quarto momento foi gravada a peça, onde um guia instrutivo e a gravação são os Produtos Educacionais do presente trabalho.

## 6.5 Quinto Momento: debate final

O quinto e último momento, como mostrado na figura 09, se deu com o objetivo de definir o tema gerador. Com os estudantes em círculo, iniciou-se uma dinâmica intitulada “nossa história real”, para que os mesmos se sentissem mais à vontade e pudessem expressar suas ideias.



Figura 09 – Fotografia da roda de conversa na atividade do 5º Momento do trabalho.

A dinâmica consistiu de iniciar uma história e interrompê-la para em seguida o colega ao lado continuar de onde havia sido feita a interrupção, até que todos contribuíssem.

Quando o espectador diz “Stop” e entra em cena, substituindo o personagem e tentando ele mesmo outras formas possíveis de ação, nesse exato momento tem a consciência de que está em um teatro (um local teatral), de que participa de um jogo – mas sua autoavaliação, seu desejo de extrapolar para a vida real a ação que ensaia no espetáculo fazem com que esse ensaio já seja parte da ação a ser realizada no futuro. (BOAL, 2000, p. 24)

Após a dinâmica começou a discussão com a seguinte pergunta: “Essa experiência foi libertadora?”. Vários temas emergiram na discussão, como gravidez indesejada na adolescência, família, pobreza, relacionamentos, política, racismo, drogas, trabalho, problemas sociais, cultura e escola. No final da dinâmica foi pedido para que os estudantes escrevessem em poucas palavras como se sentiram libertos.

Eu me sinto liberta pela sociedade quando posso expressar a minha própria opinião e quando ela é ouvida, como por exemplo no meu trabalho quando vejo que posso dar a minha opinião para melhorar a forma de trabalho ou até mesmo para melhorar a forma de atendimento ao cliente como no meu caso que trabalho com

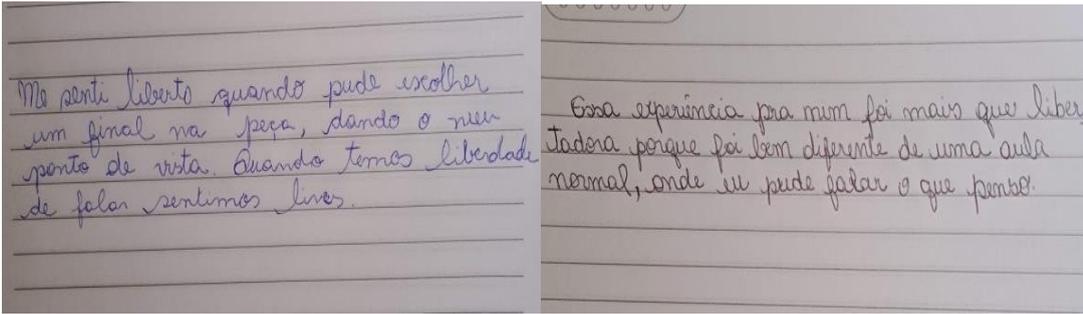


Figura 10 – Relatos de estudantes na atividade do 5º Momento do trabalho.

Podemos observar na figura 10 que uma grande parte dessa comunidade falou que sentiram libertos durante todas as ações realizadas ao poderem expressar suas próprias opiniões e falar do jeito que viam suas realidades. Uma das alunas que participou atuando em um dos finais da peça relatou que se sentiu liberto ao ter esta participação ativa e ver que a sua opinião foi ouvida e compartilhada com os colegas. Outro estudante disse que só de poder falar se o outro o ouvir, com isso sentiu certo poder, sentiu um “alguém” na vida, o que o fez sentir-se liberto.

Durante a roda de conversa, situações comuns foram relatadas pelos estudantes, como a falta de comunicação entre os membros da família, diferenças de opiniões, abusos físicos ou verbais, impedimento da autonomia, proibições ilógicas, desconfianças, comportamento imprevisível, intolerância, punições desproporcionais, chantagem emocional, críticas exageradas, porém o mais foi mencionado pela maioria foi a gravidez indesejada. Portanto, após as exposições de pensamento dos estudantes mediante a dialogicidade e o apoio da ideia do coletivo, chegou-se ao tema gerador, que foi a gravidez indesejada. Nas palavras de Paulo Freire (2009), “investigar o „tema gerador“ é investigar, repitamos, o pensar dos homens referidos à realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é sua práxis” (FREIRE, 2009, p. 56).

Fica evidente que o trabalho com temas geradores ocorre em comunhão a partir da realidade vivida, trazendo significado e promovendo uma visão mais crítica da realidade presente, para assim cumprir o papel da educação que é ser exercida como prática da liberdade, como defende Paulo Freire (2009).

Neste último momento fica visível a importância que o Teatro-fórum assume na formação dos espectadores, aqui no caso estudantes EJA, pois permite que os mesmos possam aprender enquanto criticam e fazem uma análise de sua própria realidade. Os próximos passos, já no âmbito de práticas escolares, é a implementação do tema gerador em conjunto com o projeto pedagógico da escola para ensinar conteúdos por meio do tema gerador,

especialmente no tocante às atividades da EJA. Percebe-se na amplitude do tema que emergiu do projeto realizado a sua complexidade e sua transversalidade. Desta forma, acredita-se no sucesso da proposta e na possibilidade de implementação em outras escolas e ambientes.

O objetivo do trabalho foi desenvolver uma proposta para o Ensino de Jovens e Adultos utilizando o Teatro-fórum de Augusto Boal (2005) como forma de extrair os temas geradores. Buscou-se responder à pergunta “De que maneira o Teatro-fórum auxilia na definição do tema gerador?”. Os resultados mostraram que trabalhar o Teatro-fórum por meio da dialogicidade oportuniza ao educando a sua contribuição ao diálogo, estabelecendo assim a sua autonomia, criticidade e visão crítica de mundo, o que constitui um ponto crucial para eles exporem seus pensamentos e opiniões. Em suma, ao trabalhar com a dialogicidade o Teatro-fórum se torna um facilitador, um meio para encontrar o tema gerador.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É sabido que toda e qualquer metodologia pedagógica que trabalha com grupos escolares está sujeita a mobilizar algum conteúdo pessoal de qualquer um dos envolvidos. Nesse aspecto, trabalhar o Teatro-fórum foi fazer com que a peça teatral afetasse os sujeitos, estimulando-os ao envolvimento emocional com as questões sociais dramáticas do seu cotidiano, sobretudo ao permitir que expressassem suas ideias e opiniões.

O debate, quando aplicado o formulário com questões socioeconômicas, possibilitou a análise de assuntos inerentes a um sistema que impõe sua opressão ao coletivo. Observa-se a insensibilidade da classe estudantil EJA de se ver no mundo, dada a sua visão fatalista da realidade e uma situação limite que a cerca. Fica claro que trabalhos como este têm importância no desenvolvimento de alternativas e soluções que contribuam com o desvelamento do próprio mundo em que o estudante está inserido, incluindo não somente uma visão crítica da realidade, mas também a possibilidade de entender e pensar os próprios problemas.

Inferiu-se que a prática docente, mediante procedimentos estratégicos de um processo de conscientização da realidade opressora vivida nas sociedades desiguais e com o emprego do Teatro-fórum com ênfase nos temas geradores, pode oportunizar uma conscientização entre estudantes sobre sua própria opressão. Tal fato, ainda, pode contribuir para encontrar novas maneiras de resolver seus problemas concomitantemente a uma nova forma de ver o mundo, tendo como base a sua realidade vivenciada pelos discentes.

O projeto de extensão executado resultou em momentos que possibilitaram a identificação dos principais princípios extensionistas, a saber: houve a promoção da integração ensino/pesquisa com a geração e aplicação de conhecimentos; o caráter educativo foi evidenciado com os resultados obtidos e houve a integração entre a Universidade e a sociedade ao se estabelecer a troca de saberes; houve realce da dimensão transformadora da sociedade visando à formação de uma consciência crítica e reflexiva para a superação das desigualdades e para a melhoria da qualidade de vida (UFU, 2019). O projeto resultou de uma publicação de um artigo na Revista de Educação Popular da UFU na edição 2023/01.

Acredita-se que o objetivo geral deste trabalho – desenvolver uma proposta para o ensino por meio de um projeto de extensão utilizando o Teatro-fórum de Augusto Boal (2005) como forma de extrair o tema gerador de Paulo Freire (2009) – foi alcançado com êxito.

Quanto à resposta à pergunta que orientou a execução do projeto, ou seja, quanto à possibilidade de utilizar o Teatro-fórum na pesquisa e definição do tema gerado, os resultados apontam que além de ser totalmente possível é bastante produtivo.

Boal (2005) conceitualizou o Teatro do Oprimido como um método que provoca mudanças nas condições de vida das pessoas, situando estas como protagonistas da ação e colocando os problemas sociais em discussão por meio da dramaturgia, que, por sua vez, vem potencializar a transformação social, não apenas para a solução dos problemas, mas também para um processo de busca de alternativas para a resolução. Para Boal (2005), mais importante que o resultado é o debate que se instala entre atores, no palco, e os sujeitos, na plateia. Ao final do Teatro-fórum, pelo debate foram observadas diversas situações de opressão, marcadas pela discriminação e por preconceitos que em geral não são discutidos em outros ambientes e poucas vezes são resolvidos. Foi de suma relevância para a busca do Tema Gerador, o que foi possível a partir das análises dos debates ocorridos.

Sabe-se que o Teatro-fórum tem como principal objetivo transformar os sujeitos de seres passivos a protagonistas da ação dramática, recusa a contentar-se em refletir sobre o passado e prepara o futuro de forma libertadora. A discussão e reflexão de assuntos do cotidiano, mediante a exploração de vida entre os estudantes que na peça teatral foi apresentada, levaram os mesmos a estimular sua criatividade e capacidade de propor alternativas para as mesmas questões. Com isso atingimos nossos objetivos com o processo desenvolvido associando o Teatro-fórum com a definição do tema gerador de modo a promover uma interação entre estudantes e educador através da dialogicidade, fazendo com que vejam o mundo de forma mais crítica, o que foi observado no momento final do debate por suas exposições de ideias e sua visão crítica.

Realmente, os estudantes só aprendem quando conseguem fazer a leitura de mundo, entendendo a complexidade do contexto social no qual estão inseridos. Aprender não se resume à saber a ler e escrever, mas sim a construir uma visão crítica e consciente de seu papel como agente transformador de nossa sociedade, contribuindo para um país mais justo, democrático e menos desigual, e isso é proporcionado ao trabalhar o tema gerador. E, ao implementar as atividades e estudar os conteúdos provenientes do universo temático dessa comunidade escolar, chegou-se ao tema gerador, a gravidez indesejada. Esse tema gerador trará subsídio ao trabalhar disciplinas com esses estudantes, pois trabalhar com aquilo que faz sentido ao sujeito é de indispensável para a sua compreensão e aprendizado.

Colocar em prática a linha de pensamento de Paulo Freire (2009) e de Augusto Boal (2005), sem dúvida, é obter como resultado o processo de conscientização, a própria

libertação do estudante, que passa a refletir e agir criticamente sobre a sua própria realidade. Em outras palavras, passa a transformar esta realidade e a si mesmo, pois “quanto mais refletir sobre a realidade, sobre sua situação concreta, mais emerge, plenamente consciente, comprometido, pronto a intervir na realidade para mudá-la” (FREIRE, 2009, p. 19).

Dificuldades existem ao utilizar essa metodologia, como a exigência de tempo e trabalho de elaboração, porém as vantagens são bem maiores, pois trabalhar a dialogicidade é oportunizar ao educando sua contribuição ao diálogo, o qual estabelece autonomia e visão crítica de mundo. Além disso, torna-se um eficiente método para a busca e definição do tema gerador.

Bem diferente da educação bancária é trabalhar de forma horizontal com a realidade da comunidade fazendo uso do diálogo aparentemente informal, contudo portador de uma certa rigorosidade fundamental. Em suma, buscar sentidos e significados é um ato de descoberta que pode culminar na libertação e transformação da própria realidade do estudante na sociedade.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, M. C.; MASSETO, M. T. **O professor universitário em sala de aula**. São Paulo. MG Editores Associados, 1990.
- ARROYO, M. G. Educação e exclusão da cidadania In: BUFFA, E. **Educação e cidadania: quem educa o cidadão**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- BESSA, K. P. **Dificuldades de aprendizagem em matemática na percepção de professores e alunos do ensino fundamental**. Universidade Católica de Brasília, 2007.
- BRASIL. **Coleção Cadernos da EJA. Ministério da Educação – MEC**, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. SECAD, 2006.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2020]. Disponível em: [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 9 jan. 2023.
- BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- BOAL, Augusto. **Stop: ces“t magique**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- BOAL, Augusto. **Hamlet e o filho do padeiro: memórias imaginadas**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- BOAL, Augusto. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamound, 2005.
- BOAL. **Augusto Boal sobre Paulo Freire**. 2013. Disponível em: <http://augustoboal.com.br>. Acesso em: 03 março 2022.
- BOAL, Julián. Um teatro subjuntivo. In: BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. 1. reimp. São Paulo. 2005, p. 209 – 217.
- BOAL, Julián. **Sob antigas formas em novos tempos: o teatro do oprimido entre “ensaio da revolução” e o adestramento interativo das vítimas**. 2017. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- COSTA, J. M.; PINHEIRO, N. A. M. **O ensino por meio de temas geradores: A Educação pensada de forma contextualizada, problematizada e interdisciplinar**. Paraná, 2013. <https://doi.org/10.4025/imagenseduc.v3i2.20265>
- CRUZ, R.; BIGLIARDI, R.; MINASI, L. **A dialética materialista de Paulo Freire como método de pesquisa em Educação**. Conjectura: Filosofia e Educação. Caxias do Sul, v. 19, n. 2, maio/ago 2014. p.40-54.
- FERRARI, Shirley Costa; AMARAL, Suely. **O aluno de EJA: jovem ou adolescente?** PUC/SP, 2005.

FERRARI, Shirley Costa. **Dar voz ao aluno do supletivo** – mudanças pessoais e suas razões. Tese de doutorado, PUC/SP, 2001.

FREIRE, A. M. A. **A voz da esposa**: a trajetória de Paulo Freire. Instituto Paulo Freire. Disponível em: <http://www.paulofreire.org>. Acesso em: 15 nov. 2020.

FREIRE, A. M. A. **Pedagogia da libertação em Paulo Freire**. São Paulo: Edunesp, 2009.

FREIRE, A. M. A. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, A. M. A. **Pedagogia do oprimido**. 48 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Pisa 2018 revela baixo desempenho escolar em leitura, matemática e ciências no Brasil, 2018**. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br>. Acesso em: 25 fevereiro 2022.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **CENSO ESCOLAR**: Distorção idade-série é maior entre os meninos, 2020. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br>. Acesso em: 17 março de 2022.

LDB: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. 58 p. Conteúdo: Leis de diretrizes e bases da educação nacional – Lei no 9.394/1996 – Lei no 4.024/1961.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública**. São Paulo : Loyola, 1990.

LIMA e SANTOS. **O Teatro-fórum na busca de temas geradores**: Uma proposta de ensino na educação de jovens e adultos (EJA). Uberlândia, MG. 2023. <https://doi.org/10.14393/REP-2023-66974>

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Tendências pedagógicas na prática escolar**. In: LUCKESI, Cipriano Carlos. *Filosofia da Educação*. São Paulo: Cortez, 1991.

Ministério da Educação. **Proeja**: Programa Nacional de Educação de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Brasília: MEC, ago. 2007.

MORAES, M. A. **Entre a Metaxis e a Filosofia da Práxis**: Teatro do Oprimido – Perspectiva para o Teatro na Educação. São Carlos, SP. 2015.

NUNES, Sílvia Balestreri. **Boal e Bene**: contaminações para um teatro menor. Tese de doutorado. Doutorado em Psicologia clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC). São Paulo: 2004. Orientação: Luiz Benedicto Lacerda Orlandi.

SANTOS, P. T. Paulo Freire: aspectos de seu humanismo radical. In: FREIRE, Ana Maria Araújo. (Org.). **A Pedagogia da Libertação em Paulo Freire**. São Paulo: Editora UNESP, 2001. p. 171-174.

SAVIANI, Demerval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Autores Associados, 2008.

SILVA, A. F. G. **A busca do tema gerador na práxis da educação popular**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2004. Metodologia e sistematização de experiências coletivas populares, 01.

TEIXEIRA, Tânia Márcia Baraúna. **Dimensões socioeducativas do Teatro do Oprimido**: Paulo Freire e Augusto Boal. Universidad Autônoma de Barcelona. Barcelona: 2007. Tese de doutorado em Educação e Sociedade do Departamento de Pedagogia Sistemática e Social. Orientação: Xavier Úcar Martinez.

UNICEF. **Acesso, permanência, aprendizagem e conclusão da Educação Básica na idade certa** – Direito de todas e de cada uma das crianças e dos adolescentes. Fundo das Nações Unidas para a Infância. Brasília: UNICEF, 2012. Disponível em: [foradaescolanaopode.org.br/downloads/br\\_oosc\\_ago12.pdf](http://foradaescolanaopode.org.br/downloads/br_oosc_ago12.pdf). Acesso em: 24 de fev. 2022.

VASCONCELOS, C. S. **Avaliação**: do “é proibido reprovar” ao “é preciso ensinar”. Conferência proferida no Seminário sobre as Práticas Avaliativas nas Primeiras Séries das Escolas públicas, Caied – Coordenadoria de Avaliação e Inovação Educacional, Série Estudos, Pesquisas, Inovações. Fortaleza, 1996.

VIEIRA, Maria Clarisse. **Fundamentos históricos, políticos e sociais da educação de jovens e adultos**. Volume I: aspectos históricos da educação de jovens e adultos no Brasil. Universidade de Brasília, Brasília, 2004.

WALGER, E. A. V. **Teatro do Oprimido e Participação Democrática**: Vivências e Referências Práticas da Curingagem. Florianópolis – SC – 2018.

## APÊNDICES

### **Apêndice A: Roteiro da peça do Teatro-fórum (Autores: Cia Teatro Ernane Fernandes)**

Traremos no vídeo em anexo uma orientação como um produto educacional para você professor ou gestor de escola que deseja trabalhar com a pedagogia de Paulo Freire (2009). Nele você encontrará uma proposta através da dialogicidade, que contribui de forma inovadora ao trazer os temas geradores como método de desalienação e aprendizado à educação, em conjunto com a proposta de Augusto Boal, que se fundamenta no caráter transformador libertador, através do Teatro do Oprimido, especificamente o Teatro-fórum. Este será usado para extrair o tema gerador, pois a partir do momento em que se descobre o tema gerador descobre-se qual significado que as pessoas estão dando às suas práticas, para então criarmos estratégias para trabalhar dentro de qualquer disciplina para transformação da comunidade.

Ao fazer um paralelo entre Freire (2009) e Boal (2005), observa-se uma ligação muito interlaçada entre suas pedagogias, isto é, ambos associam ao ensino as experiências vividas com as práticas educativas, relacionando trabalho e política, para que os sujeitos relatem suas próprias experiências. Com isso, faz uso da sua autonomia, o que influi na transformação do mundo, desenvolvendo sua consciência crítica.

Mas o que é o Teatro-fórum? O Teatro-fórum é a criação de uma cena dramática da realidade da comunidade, uma peça teatral para ser encenada. No Teatro-fórum tem um personagem fundamental, característico de toda cena de fórum que é o **curinga**. Este, em sala de aula, pode ser traduzido na figura do professor, que é o mediador do debate suscitado pela cena.

No final da peça, no ápice da história, a cena é congelada, o espectador é convidado a dar sugestão de como terminar a história, criando assim um debate. Solicite que escrevam sua sugestão do final da história, para que os mesmos possam expor no papel suas ideias e opiniões, propiciando a oportunidade de se expressarem sobre o final da peça. Lembrando que o mais importante que solucionar o conflito encenado é suscitar o conflito de ideias, a argumentação e a contra argumentação. É dar voz à comunidade! É a dialogicidade!

O vídeo apresenta uma peça realizada com turmas do noturno de EJA de uma escola estadual da cidade de Uberlândia. Nessa peça foi feita uma parceria com um grupo de teatro do município, lembrando que você pode utilizar os estudantes como atores na proposta e você, professor, como o curinga.

Segue abaixo o roteiro da peça.

## **ROTEIRO: UM PROBLEMA (OU MAIS)**

### **PERSONAGENS**

Wagner - Pai da Patrícia  
 Patrícia - Filha do Wagner e amiga da Amanda  
 Amanda - Namorada do Juliano e amiga da Patrícia  
 Juliano - Namorado da Amada  
 Cristian - Amigo do Juliano  
 Cleide Leide - *Vizinha*

**Época:** Presente

**Lugar da cena:** Uberlândia

### **PRIMEIRO ATO**

*Casa de família de classe baixa. Copa com mesa, cadeiras.*

### **CENA I**

PAI: *(pai ouvindo um rádio que está sobre a mesa, gravando um áudio)* Ô dona Maria, já tô no trânsito, muito carro na minha frente aqui, chego em cinco minutos... *(grava outro áudio)* Ô... Jailson seu veado, vou ter que pagar aquela caixa de cerveja, né! Ou você não tá lembrado da aposta? O safado do Cleitin fez gol contra e entregou o campeonato de bandeja pra vocês...

FILHA: Oi pai, bom dia! Benção!

PAI: Oi...

FILHA: Pai eu tava precisando...

PAI: Você só me chama pra pedir as coisas...

FILHA: Era só uma conversa, mas pode deixar.

PAI: O que você quer dessa vez?

FILHA: Eu só queria conversar mesmo. A minha mãe tá lá na clínica...

PAI: É... beber demais dá nisso. Bom eu já vou. Espero que a comida esteja pronta quando eu chegar e sem muito sal, da última vez você fez a comida tão salgada que parecia comida de vaca.

FILHA: Tchau!

## CENA II

*Patrícia começa a arrumar as coisas para ir para a escola.*

PATRÍCIA: Hoje é que dia? Terça? Não, quarta! Hoje tem aula de Biologia e Matemática. Ah nem, esqueci de fazer o trabalho... Eu tô tão cansada...

*Toca a campainha...*

AMANDA: Oi amiga... É o seguinte... eu tenho que te contar uma coisa...

PATRÍCIA: Quem tem que te contar uma coisa sou eu, senta aí amiga...

AMANDA: Como assim!?

PATRÍCIA: Não vou rodear muito não. É... Eu tô grávida!

AMANDA: Patrícia, Patrícia, para de brincar com minha cara...

PATRÍCIA: É verdade... e eu estou muito angustiada...

AMANDA: Pois o meu problema é maior. Perto do seu não é nada. Pelo menos o seu assunto é sobre vida. Vida, amiga! O meu caso é pior. É morte! O Juliano tá vindo atrás de mim pra me matar...

PATRÍCIA: Que drama amiga...

AMANDA: Não é drama não, ele tá atrás de mim. Vai bater aqui daqui a pouco. Ele descobriu que estou trabalhando na casa de massagem.

PATRÍCIA: Eu falei pra você parar de fazer programa há um tempo. Tá aí, toma!

AMANDA: Cala a boca, Patrícia! Deixa de ser egoísta. Eu tô aqui falando dos meus problemas. Que um homem tá vindo aqui me matar e você tá aí...

PATRÍCIA: Vai sair um bebê aqui de dentro de mim daqui uns meses. Você tem noção disso?

AMANDA: Faça-me o favor, Patrícia. Você teve tempo pra estudar, não precisou trabalhar. Usasse camisinha se não quisesse isso...

PATRÍCIA: Cala a boca. Cala a sua boca! Você não tá entendendo a gravidade. O filho não é do meu namorado...

**CENA III**

Juliano, namorado de Amanda, esmurra a porta.

JULIANO: Abre a porta, Amanda...

AMANDA: (para Patrícia) Eu te falei...

PATRÍCIA: Ela não está aqui não!

JULIANO: Deixa de história, Patrícia. Ela tá sim. Abre a porra dessa porta.

AMANDA: Vai embora, Juliano...

JULIANO: Deixa eu entrar aí, vadia...

AMANDA: Eu vou morrer hoje...

Juliano consegue arrombar a porta...

JULIANO: Você vai me pagar...

AMANDA: Juliano, calma... Vamos conversar... Eu precisava fazer isso, eu precisava. Eu gosto de você...

CRISTIAN: (entra tentando segurar o amigo Juliano) Eu te falei pra não entrar aqui, vamos embora pra sua casa agora... Olha o que você tá fazendo... arrombou uma porta... tá quase subindo em cima da sua namorada...

JULIANO: Essa mulher não é minha não. Mulher minha não sai com outros caras...

CRISTIAN: Juliano, você tá com a cabeça quente... outro dia vocês conversam...

JULIANO: (parte pra cima de Amanda) Eu vou te matar... Você entendeu... te matar... (começa a bater em Amanda e ela escapa).

Amanda pega uma faca em cima da mesa

AMANDA: Você sai de perto de mim... se não quem vai te matar sou eu...

CLEIDE: Mas o que que tá acontecendo minha gente? Tô lá com as panelas no fogo e escutando essa gritaria.

CRISTIAN: Quem que é essa doida, gente? Pelo amor de Deus. Sai daqui dona, isso aqui é uma conversa de família.

CLEIDE: Menina do céu, o que você tá fazendo com essa faca? Me dá isso aqui. Esse furdunço não faz bem pro neném da Patrícia.

CRISTIAN: Neném? Cê tá grávida? Como assim, grávida? O quê que tá acontecendo gente...

CLEIDE: Ixe... acho que eu falei de mais (batendo na boca).

PATRICIA: Ô boca de sacolaaaa!

CRISTIAN: Você tá loca de não me contar?... Também não me importa. Cê vai tirar, né?

WAGNER: Tirar o quê?

CLEIDE: O neném, Wagner... O neném.

Diálogo entre pai e filha. Pai machista. A mãe está internada, ela sofre de alcoolismo. A Amanda chega na casa da amiga Patrícia após a saída do pai. Amanda vai contar algo. Patrícia interrompe e conta que está grávida. A Amanda diz que seu problema é maior e disse que Juliano, seu namorado está atrás dela para matar porque descobriu que ela estava fazendo programa. Juliano chega esmurrando a porta. Dialogo interno e externo. O pai de Patrícia chega porque os vizinhos ligam pra ele. Nesse momento ele ouve que sua filha está grávida. Congela a cena.

## Apêndice B: Questionário para o trabalho

As questões aplicadas por meio do *Google Forms* foram:

1. Identificação:
  - a) Idade:
  - b) Sexo:
  
2. Estado civil:
  - a) Casado
  - b) Solteiro
  - c) Amasiado
  - d) Outro
  
3. Quantos irmãos você tem?
  - a) Nenhum
  - b) Um
  - c) Dois
  - d) Três
  - e) Quatro ou mais
  
4. Quantos filhos você tem?
  - a) Nenhum
  - b) Um
  - c) Dois
  - d) Três
  - e) Quatro ou mais
  
5. Com quem você mora atualmente?
  - a) Sozinho (a)
  - b) Pais ou parentes
  - c) Com colegas
  - d) Com cônjuge e/ou filhos
  
6. Qual grau de escolaridade da sua mãe?
  - a) Nenhuma escolaridade
  - b) Ensino fundamental até 4 ano
  - c) Ensino fundamental até 9 ano
  - d) Ensino médio incompleto
  - e) Ensino médio completo
  - f) Ensino superior incompleto
  - g) Ensino superior completo
  
7. Qual o grau de escolaridade do seu pai?
  - a) Nenhuma escolaridade
  - b) Ensino fundamental até 4 ano
  - c) Ensino fundamental até 9 ano
  - d) Ensino médio incompleto
  - e) Ensino médio completo
  - f) Ensino superior incompleto
  - g) Ensino superior completo

8. Você tem internet em casa?

- a) Sim
- b) Não

9. Você tem conhecimentos básicos em informática?

- a) Sim
- b) Não

10. Como você se considera?

- a) Branco (a)
- b) Negro (a)
- c) Pardo (a) / Mulato (a)
- d) Amarelo (a) de origem oriental
- e) Indígena ou de origem indígena

11. Quanto tempo você ficou longe dos estudos?

- a) Menos de um ano
- b) Entre 1 e 2 anos
- c) Entre 3 e 4 anos
- d) Mais de 5 anos

12. Qual o motivo que te fez abandonar os estudos?

- a) Trabalho
- b) Gravidez
- c) Várias reprovações
- d) Outro

13. Qual principal motivo levou a retornar os estudos?

- a) Melhor remuneração
- b) Realização pessoal
- c) Capacitação pessoal
- d) Incentivo familiar/e ou amigos

14. Você trabalha fora?

- a) Sim
- b) Não

15. Sua renda familiar mensal, juntando todos que moram com você, é aproximadamente?

- a) Entre 1000,00 e 2000,00
- b) Entre 2000,00 e 3000,00
- c) Entre 3000,00 e 4000,00
- d) Acima de 4000,00

16. Entre as atividades artístico-culturais listadas abaixo, qual constitui sua preferência para o lazer?

- a) Cinema
- b) Teatro
- c) Shows musicais
- d) Dança
- e) Nenhuma

17. Já assistiu a alguma peça teatral?

- a) Sim
- b) Não



Universidade  
Federal de  
Uberlândia

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS  
MATEMÁTICA-PPGECM

## GUIA DIDÁTICO



# “O TEATRO FÓRUM NABUSCA DE TEMAS GERADORES”

Proposta didático-pedagógica para professores e gestores que atuam no âmbito da educação em geral e principalmente aqueles que atuam com Educação de Jovens e Adultos.



**Caro(a) professor(a)**

Traremos nesse guia uma orientação como um produto educacional, para você professor ou gestor de escola que deseja trabalhar com a pedagogia de Paulo Freire (2009). Nele você encontrará uma proposta, através da dialogicidade, a qual contribui de forma inovadora ao trazer os temas geradores, como método de desalienação e aprendizado à educação, em conjunto com a proposta de Augusto Boal (2005), a qual se fundamenta no caráter transformador libertador, através do Teatro do Oprimido, especificamente o Teatro Fórum, ou seja, usaremos o Teatro Fórum para extrair o tema gerador. A oferta desse material se dá no intuito de auxiliar e apoiar nas atividades desenvolvidas com base no pensamento freireano.

No estudo que deu origem a esse **Guia Didático**, estruturou-se uma proposta didático-pedagógica para você professor ou gestor que poderá desenvolver suas atividades, no Ensino de Jovens e Adultos, propondo ações que permitam o diálogo reflexivo, contudo fundamental para a educação tratada de forma libertadora. Por meio desse instrumento desenvolvido no formato de um guia educacional, com foco na dialogicidade, busca-se fomentar de que maneira o Teatro Fórum auxilia na definição do tema gerador emergindo à reflexão e a criticidade através da dialogicidade.

Os dados analisados no universo desse estudo originam-se a partir de variados momentos aplicados durante a sua execução, problematizações, debates, relatórios e as ideias dos próprios educandos, apresentando resultados significativos e relativos que oportunizam a autonomia, a criticidade e uma visão crítica de mundo dos estudantes.

Diante disso, portanto, você encontrará aqui o passo a passo de um modelo para professores que desejam trabalhar o pensamento freireano através do Teatro do Oprimido, em especial o Teatro Fórum.

Espera-se que esse Guia Didático seja produtivo para você professor ou gestor educacional!

Bom trabalho!



## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>5</b>
<b>Bases conceituais: Temas Geradores .....</b>	<b>6</b>
<b>Teatro do Oprimido: O Teatro Fórum.....</b>	<b>7</b>
<b>Práticas docentes na perspectiva da dialogicidade.....</b>	<b>8</b>
<b>Relevancia da dialogicidade de PauloFreire .....</b>	<b>9</b>
<b>O pontodeencontro entre Freire e Boal .....</b>	<b>10</b>
<b>Planejamento eexecução .....</b>	<b>11</b>
<b>1º Momento.....</b>	<b>12</b>
<b>2º Momento .....</b>	<b>14</b>
<b>3º Momento.....</b>	<b>16</b>
<b>4º Momento.....</b>	<b>17</b>
<b>A peça Teatro Fórum .....</b>	<b>18</b>
<b>Peça: Um problema (ou mais) .....</b>	<b>19</b>
<b>5º Momento .....</b>	<b>22</b>
<b>Alguns Lembretes .....</b>	<b>23</b>
<b>ProdutoEduccacional em Vídeo .....</b>	<b>24</b>
<b>Referências .....</b>	<b>25</b>



## Introdução

Infelizmente a defasagem, a evasão, o baixo rendimento e a dificuldade no aprendizado educacional existem, principalmente entre estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e são várias as suas causas e motivos. Assim, os estudantes da EJA trazem consigo uma visão de mundo influenciada por seus traços culturais de origem e por sua vivência social, familiar e profissional.

Diante de tal situação, um impacto positivo a ser considerado nesse trabalho é a metodologia do Teatro Fórum e uso dos temas geradores por ser utilizada no processo educacional e permitir a troca de conhecimentos e experiências, constituindo-se em um instrumento facilitador para as discussões dos problemas sociais e de intervenção sócio educativa possibilitando um ensino mais significativo, além de trabalhar a promoção da interdisciplinaridade, o desenvolvimento do senso crítico e a autonomia do educando, contribuindo de forma conveniente no envolvimento do mesmo com o conteúdo das diversas disciplinas.

Nessa expectativa, estrutura-se esse Guia Didático como ferramenta para utilização na busca e definição do tema gerador, pois ele contribui para autonomia e visão crítica de mundo capacitando o educando para o aprendizado, pois só se aprende de fato com aquilo que faz sentido para o sujeito.



Vejamos algumas Considerações necessárias...

## Bases conceituais



### TEMAS GERADORES

Quem nunca ouviu alguns jargões de ditos populares “Façam silêncio!”. “Aluno bom é aluno calado e quieto”. “Turma boa é aquela que deixa o professor dar aula em paz”. “Professor bom é aquele que tem moral, ou seja, se impõe como figura de autoridade”. “Professor que bota moral é aquele que faz a turma toda não dar um pio”. Essa lista evidencia uma cultura pedagógica que legitima a educação bancária e não o diálogo, o que vem totalmente em oposição à dialogicidade e consequente aos temas geradores.

- Mas como emergiu o uso de “temas geradores”? Emergiu da proposta pedagógica elaborada por Paulo Freire (2009, p. 53) na qual segundo o autor é assim chamado porque, “qualquer que seja a natureza de sua compreensão como da ação por eles provocada, contém em si a possibilidade de desdobrar-se em outros tantos temas que, por sua vez, provocam novas tarefas que devem ser cumpridas”.
- Nos dias atuais, com a evolução constante do ensino, defende-se à ideia e a necessidade de ensinar de forma contextualizada, porém, muitos professores consideram que contextualizar é apenas encontrar aplicações práticas no dia a dia do estudante. Mas trabalhar a proposta de Paulo Freire (2009) vai muito além. Baseia-se na realidade do educando, levando-se em conta suas experiências, suas opiniões e sua história de vida e conduzindo o estudo aos temas geradores, os quais são, portanto, estratégias metodológicas de um processo de conscientização da realidade opressora vivida nas sociedades desiguais. Os temas geradores são extraídos da prática de vida dos educandos, substituindo os conteúdos tradicionais através de metodologias pedagógicas que oportuniza um enfoque interdisciplinar em uma problemática estudada.
- Os temas geradores vêm de ação-reflexão-ação que são carregados de conteúdos sociais e políticos com significado relevante para a vida dos educandos. Assim, tais propostas podem ser usadas como ação conscientizadora e deve conter conteúdos significativos para os educandos.



## TEATRO DO OPRIMIDO – O TEATRO FÓRUM

O Teatro Fórum é um dos ramos do Teatro do Oprimido. É uma técnica em que os atores representam uma cena até a apresentação do problema, e em seguida propõem aos espectadores que mostrem, por meio da ação cênica, soluções para o então problema apresentado. Produz-se uma encenação baseada em fatos reais, na qual personagens oprimidos e opressores entram em conflito, de forma clara e objetiva, na defesa de seus desejos e interesses.

Com o objetivo de “ensaiar ações concretas na vida social, produzir mudanças, transformações” (Boal, 2009, p.163), há um pequeno debate com a plateia após a apresentação da peça, incentivando a participação e permitindo que os “espectadores” troquem de lugar com o oprimido-ator para ensaiarem novas formas de solucionar a situação representada. É um modo de aprofundar a realidade de forma mais lúdica e que desperta o desejo de transformar o mundo (Boal, 2005).

- ◆ O Teatro-Fórum é composto essencialmente por dois personagens principais contrários: o oprimido, que assume o papel de protagonista, e o opressor. O que move a peça é a motivação do oprimido, a sua vontade de se libertar da opressão. O espectador deve conhecer a ideologia de cada personagem, a fim de viabilizar o debate (Boal, 2005).
- ◆ Na peça, a situação não se resolve a favor do oprimido, este luta por fugir daquela situação de opressão, mas as pressões são fortes. É este fato que leva os sujeitos da plateia, convidados pelo “curinga” a identificarem os sinais de opressão, e a intervir na cena.
- ◆ O “curinga” apresenta como um mediador que incentiva e orienta o diálogo entre os espectadores e os atores no final da peça encenada. Tem a responsabilidade de todo o processo de discussão com o público, incentivando a descoberta de soluções concretas para a diminuição da opressão apresentada, devendo evitar formas de manipulação, de indução do espectador e deixando que seja a plateia a decidir (Boal, 2005).



## Práticas docentes na perspectiva da dialogicidade.



A *Pedagogia Tradicional*, ou a *Educação bancária* é uma proposta de educação centrada no professor, cuja função se define como a de ensinar os estudantes através de aulas expositivas, devendo os mesmos, prestar atenção e realizar exercícios repetitivos, a fim de memorizar e reproduzir a matéria ensinada. O professor aqui é visto como elemento central no processo de ensino e aprendizagem, sendo a autoridade máxima intermediária entre o estudante e o conhecimento, um organizador dos conteúdos de estratégias de ensino e, portanto, o guia exclusivo do processo educativo. O ensino é considerado como a transmissão de conhecimento aos estudantes com o objetivo de que ele seja dominado por eles.

Em contraposição apresentamos aqui um modelo diferente do habitual, com base no pensamento de Freire (2009), que é trabalhar de forma horizontal com a realidade do educando através da dialogicidade, ou seja, a elaboração e a construção do conhecimento que estão ligados ao processo de conscientização crítica da realidade, onde o diálogo é a essência desse método.

Para a pedagogia libertadora, a forma de trabalho educativo é o grupo de discussão, que conduz o processo educativo buscando os conteúdos problematizadores, realizando as discussões, compartilhando as descobertas, definindo as atividades e os temas geradores como ponto de partida para uma mudança do mundo social, histórico, político e cultural.





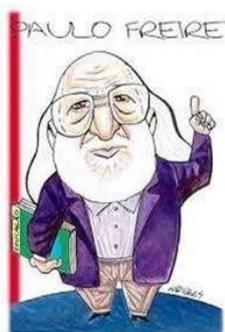
## Relevância da dialogicidade de Paulo Freire

Para que o diálogo verdadeiro exista, ele não pode ser baseado no depositar ideia ao outro, também não pode ser apenas uma troca de ideias sem que haja uma reflexão e que também não pode ser uma discussão polêmica em que a ideia seja um impor a sua verdade ao outro, muito menos ter como objetivo uma conquista.

O diálogo tem que ser um instrumento de criação de mundos, e para isso existem algumas condições a ser cumpridas, primeiro não há diálogo se não há amor profundo ao mundo, aos homens e as mulheres. Não pode haver diálogo em relação de dominação onde não existe amor e sim a imposição do medo e o medo não produz diálogo. Amar é um ato de coragem de compromisso e nunca de medo.

Também não pode haver diálogo sem a humildade, o diálogo não pode se dar numa relação de arrogância, pois esta é incompatível com o diálogo. Se alguém não é capaz de saber e sentir igual os outros ainda tem muito que caminhar até chegar a esse encontro com o outro e nesse lugar de encontro não há sábio absoluto nem tolo absoluto, mas homens e mulheres buscando saber mais. Também não há diálogo se não tiver fé. Fé no seu poder de criação de inovação que é direito de todos. Não uma fé ingênua, mas uma fé crítica no poder de homens e mulheres transformar o mundo. Isso é uma condição a priori do diálogo. E mesmo que essa condição de transformação seja negada, elas têm o poder de renascer, sem essa fé o diálogo é uma farsa, uma manipulação. O diálogo só pode acontecer numa relação horizontal de confiança. Também só pode haver confiança se nossas palavras coincidem com nossos atos.

E para haver uma educação libertária é necessário o exercício libertador da palavra, onde nenhum sujeito se constrói sozinho, em isolamento, mas em uma prática dialógica, que por sua vez, é o canal pelos quais os sujeitos se põem em movimento em direção a um mundo que creem ser possível. Para Freire (2009) o diálogo é a condição sem a qual não é possível um pensar e agir pedagógicos problematizadores.





### O ponto de encontro entre Freire e Boal

Ao fazer um paralelo entre as teorias de Freire (2009) e Boal (2005), observa-se uma ligação muito interlaçada entre suas pedagogias, ou seja, ambos dão ênfase nas práticas educativas, associando ao ensino as experiências vividas, ao trabalho e a política. Freire (2009) dá a palavra ao estudante, Boal dá voz ao espectador, para que ambos relatem suas próprias experiências. Com isso, faz uso da sua autonomia o que influi na transformação do mundo, desenvolvendo sua consciência crítica. A educação, nesse contexto, é um ato dialógico que se realiza por meio da comunicação e da troca de experiências. Defendem a ideia de que educar é conhecer, é ler e interpretar o mundo para transformá-lo, com o intuito de uma libertação, através da dialogicidade, ou seja, uma dimensão dialógica de cunho popular ligada, portanto, ao trabalho, ao emprego, à pobreza, à fome, à doença etc.

O teatro popular e a educação popular são processos de construção social inseridos em um contexto histórico de sua época, sendo, portanto, fruto das diferentes situações políticas do seu momento de produção e construção, por isso traz em si princípios da realidade vivida por seus sujeitos. Freire (2009) e Boal (2005) provocam a reflexão e propiciam os debates sobre estas questões veladas da sociedade.

O próprio Boal reconhece que seu trabalho, principalmente a concepção do Teatro do Oprimido, sofreu grande influência do pensamento de Paulo Freire (2009), principalmente de obras como Pedagogia da Autonomia e Pedagogia do Oprimido. As obras desses dois brasileiros reforçam para o país e para o mundo a necessidade do trabalho de mudança social a partir do sujeito, na coletividade, possibilitando-o a construção de meios de atuação frente a um contexto social menos desigual, ou seja, há que se estimular a consciência ativa e libertadora entre as pessoas, mas cada um também é o responsável eticamente pela sua ação no mundo, se aceitará a postura com um ser condicionado ou se tentará determinar seu lugar, pensamento e situação como ser livre. Para ambos, a liberdade só pode ocorrer a partir do momento que o sujeito toma consciência da sua realidade de oprimido. Aqui se dá o ponto de encontro entre os dois autores, pois é um pensamento que visa o reconhecimento, a transformação e libertação dos oprimidos no mundo.



## Planejamento e execução

O projeto foi desenvolvido em turmas de EJA, uma do primeiro ano e duas do segundo ano do ensino médio noturno, em uma escola estadual da cidade de Uberlândia. A maioria dos estudantes são muito carente e praticamente todos trabalham. Nesse trabalho foi levantada uma investigação temática a priori o teatro, ou seja, uma roda de conversa entreo educador e os educandos relacionada com questões de cunho social e cultural, com os quais, os mesmos vivenciam a fim de possibilitar temas para a busca de informações á extração do Tema Gerador.

Também foram abordadas discussões a respeito de temas que os estudantes gostariam de ver na peça, para assim incluir no roteiro já pronto. Como diz Boal, “muito mais importante do que chegar a uma boa solução é provocar um bom debate”. Também um questionário sócio econômico via google forms foi aplicado com o mesmo objetivo. Vale ressaltar que a produção da peça teatral para extração do tema gerador dos educandos, os remete ao estudo das suas aplicações e os leva a conhecer os problemas de sua comunidade, possibilitando a busca de respostas aos problemas levantados durante a peça, sendo assim, todo processo da metodologia se torna suficiente para cumprir com o objetivo, pois o teatro do oprimido auxiliará na definição do tema gerador.

Visando alcançar o objetivo geral deste trabalho, que é desenvolver e avaliar uma proposta para o ensino por meio do Teatro-Fórum de Augusto Boal, como forma de extrair o tema gerador de Paulo Freire (2009) e estudar os conteúdos provenientes do universo temático dos educandos, foram desenvolvidas 5 momentos, ou 5 etapas.

- ◆ Com essas observações, seguem-se os 5 momentos (etapas).



**1ª ETAPA**

**Tema:** Roda de conversa



**Objetivos:** Conhecer melhor os problemas sociais, vivenciada pela comunidade.

**Tempo:** Estipula-se um horário de 50 minutos.

**Metodologia:** Faça uma roda de conversa com a turma, a fim de conhecer melhor seus problemas sociais, devemos iniciar a problematização na aula por meio de uma pergunta que problematiza o cotidiano dos estudantes, pois assim sendo orientará a encontrar temas a ser aplicado na peça para possibilidades da extração do tema gerador e neste momento assim, eles podem se reconhecer no tema estudado.

E para que os estudantes se sintam mais a vontade, faça a priori uma dinâmica como um quebra gelo. Escolher um local arejado e aberto da escola. Convidar os estudantes para se deslocarem até este espaço.

Materiais Utilizados:



Uma folha de papel

Caneta



Uma caixinha.

Sugestão para o quebra gelo:



Sentados na cadeira, formar um círculo com os alunos. O professor deverá entregar uma folha em branco para cada aluno com a seguinte frase: “O meu problema é...”. Então, o professor pede para o aluno escrever um problema que ele está passando e não se identificar. Depois de escrito, o mesmo deverá dobrar o papel e colocar em uma caixinha que ficará no centro do círculo.

No momento que todos terminarem o professor entrega um papel para cada aluno aleatoriamente e este deverá ler o problema escrito e dar um conselho ou tentar dar uma solução. Em seguida, o professor mediará uma breve discussão.

Em continuidade a aula, o professor dialogará com os estudantes sobre a questão da opressão na sociedade desigual, estabelecendo relações de sua vida com o as questões sociais de modo que os alunos percebam situações de opressão manifestadas durante a dinâmica do papel.

## 2ª ETAPA

### Tema:



Questionário sócio-econômico.

### Objetivo:



O objetivo do questionário é compreender os níveis de carências e necessidades dessa comunidade escolar.

### Tempo:



Estipula-se um horário de 50 minutos.

### Metodologia:



No laboratório de informática com a turma, o professor iniciará a aula lembrando as questões das discussões trabalhadas nas aulas anteriores. Em seguida, os alunos responderão um formulário pelo Google Forms referente a questões sociais, econômicas e culturais e no final dialogará com os alunos sobre o mesmo assunto que eles apresentaram anteriormente e que são temas expressos de suas experiências, suas vivências cotidianas, suas relações com as pessoas e com a sociedade possibilitando fazer uma ligação entre os temas da peça para o encontro do tema gerador.

### Recursos utilizados:



Computador

**Sugestões para o questionário:**

1. Identificação: Idade: Sexo:
2. Estado civil: a) Casado b) Solteiro c) Amasiado d) Outro
3. Quantos irmãos você tem? a) Nenhum b) dois c) três d) quatro ou mais
4. Quantos filhos você tem? a) Nenhum b) Dois c) Três d) Quatro ou mais
5. Com quem você mora atualmente? a) Sozinho (a) b) Pais ou parentes c) Com colegas d) Com cônjuge e/ou filhos
6. Qual grau de escolaridade da sua mãe?  
a) Nenhuma escolaridade b) Ensino fundamental até 4 ano c) Ensino fundamental até 9 ano d) Ensino médio incompleto e) Ensino médio completo f) Ensino superior incompleto g) Ensino superior completo
7. Qual o grau de escolaridade do seu pai?  
a) Nenhuma escolaridade b) Ensino fundamental até 4 ano c) Ensino fundamental até 9 ano d) Ensino médio incompleto e) Ensino médio completo f) Ensino superior incompleto g) Ensino superior completo
8. Você tem internet em casa? a) Sim b) Não
9. Você tem conhecimentos básicos em informática? a) Sim b) Não
10. Como você se considera?  
a) Branco (a) b) Negro (a) c) Pardo (a) / Mulato (a)  
d) Amarelo (a) de origem oriental e) Indígena ou de origem indígena
11. Quanto tempo você ficou longe dos estudos?  
a) Menos de um ano b) Entre 1 e 2 anos c) Entre 3 e 4 anos d) Mais de 5 anos
- b) Qual o motivo que te fez abandonar os estudos?  
a) Trabalho b) Gravidez c) Várias reprovações d) Outro
- b) Qual principal motivo levou a retornar os estudos?  
a) Melhor remuneração b) Realização pessoal c) Capacitação pessoal d) Incentivo familiar ou amigos
- b) Você trabalha fora? a) Sim b) Não
12. Sua renda familiar mensal, juntando todos que moram com você é aproximadamente?  
a) Entre 1000,00 e 2000,00 b) Entre 2000,00 e 3000,00 c) Entre 3000,00 e 4000,00  
d) Acima de 4000,00
13. Entre as atividades artístico-culturais listadas abaixo, qual constitui sua preferência para o lazer?  
a) Cinema b) Teatro c) Shows musicais d) Dança e) nenhuma
14. Já assistiu a alguma peça teatral? a) Sim b) Não

### 3ª ETAPA

#### Tema:



Entre conversas e sugestões.

#### Objetivos:



Diferentemente da educação bancária, onde o professor decide tudo sem a participação do aluno, realiza-se a terceira etapa desse trabalho, com o objetivo de auxiliar na elaboração do roteiro da peça, com temas propostos pelos estudantes.

#### Tempo



Estipula-se um horário de 50 minutos.

#### Metodologia:



Esse momento consiste em uma roda de conversa entre o educador e os educandos, relacionada com questões de cunho social e cultural, e tendo como pano de fundo as problemáticas levantadas e discutidas nos momentos anteriores. Anote tudo!

## 4ª ETAPA

## Tema



A peça Teatro-Fórum.

## Tempo:



Estipula-se dois horários de 50 minutos cada, totalizando uma hora e quarenta minutos.

## Metodologia:



Realize essa etapa em uma sala ampla. No final, peça aos educandos definirem o final da história do roteiro com auxílio do intermediador para um debate.

Para concluir, solicite aos estudantes que escrevam a sua sugestão de final, propiciando a todos a oportunidade de se expressarem sobre o final da peça.



Veja a seguir como foi realizada a peça do nosso trabalho.



**Além do guia educacional temos um vídeo explicativo que poderá ajudar você professor, como apoio ou referência.**

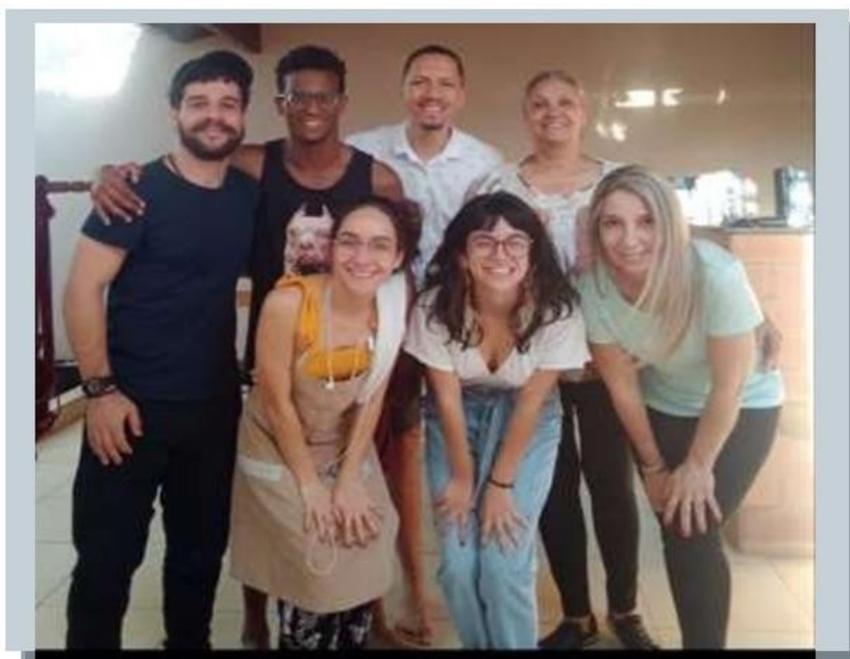
[youtu.be/MT5j-ayNcU0](https://youtu.be/MT5j-ayNcU0)

LEMBRANDO QUE O VÍDEO ESTÁ DISPONÍVEL EM: [youtu.be/MT5j-ayNcU0](https://youtu.be/MT5j-ayNcU0)

## A PEÇA – TEATRO FÓRUM

- ◆ O teatro fórum é a criação de uma cena dramática da realidade da comunidade, uma peça teatral para ser encenada. No final da peça, no ápice da história a cena é congelada, o expectador é convidado a dar sugestão de como terminar a história, criando assim um debate. Lembrando que o mais importante que solucionar o conflito encenado é suscitar o conflito de ideias, a argumentação e a contra – argumentação. É dar voz a comunidade! É a dialogicidade!
- ◆ A aplicação da peça do Teatro-Fórum “Um problema (ou mais)” foi realizada por atores amadores de uma companhia de teatro da cidade. O curinga, que cumpre o papel de motivar e levantar as discussões, foi representado por uma atriz que trabalhou no Teatro de Arena por muitos anos, inclusive em companhia de Augusto Boal (2005). Lembrando que você pode utilizar os estudantes como atores na proposta e você professor como o curinga.

### EQUIPE CIA DE TEATRO



**PEÇA: UM PROBLEMA (OU MAIS)**

1.1.2 PERSONAGENS

Wagner - Pai da Patrícia

Patrícia - Filha do Wagner e amiga da Amanda Amanda - Namorada do Juliano e amiga da PatríciaJuliano - Namorado da Amada

Cristian - Amigo do Juliano

*Cleide Leide - Vizinha*

**ÉPOCA:** Presente

**LUGAR DA CENA:** Uberlândia

PRIMEIRO ATO

*Casa de família de classe baixa. Copa com mesa, cadeiras.*

**Cena 1**

PAI: *(pai ouvindo um rádio que está sobre a mesa, gravando um áudio)*  
Ô dona Maria, já tô no transito, muito carro na minha frente aqui, chego em cinco minutos... *(grava outro áudio)* Ô... Jailson seu veado, vou ter que pagar aquela caixa de cerveja, né! Ou você não tá lembrado da aposta? O safado do Cleitin fez gol contra e entregou o campeonato de bandeja pra vocês...

FILHA: Oi pai, bom dia! Benção!

PAI: Oi...

FILHA: Pai eu tava precisando...

PAI: Você só me chama pra pedir as coisas... FILHA: Era só uma conversa, mas pode deixar.PAI: O que você quer dessa vez?

FILHA: Eu só queria conversar mesmo. A minha mãe tá lá na clinica...

PAI: É... beber demais dá nisso. Bom eu já vou. Espero que a comida esteja pronta quando eu chegar e sem muito sal, da ultima vez você fez a comida tãoalgada que parecia comida de vaca.

FILHA: Tchau!

## Cena 2

*Patrícia começa a arrumar as coisas para ir para a escola.*

PATRÍCIA: Hoje é que dia? Terça? Não, quarta! Hoje tem aula de Biologia e Matemática. Ah nem, esqueci de fazer o trabalho... Eu tô tão cansada...

*Toca a campainha...*

AMANDA: Oi amiga... É o seguinte... eu tenho que te contar uma coisa...

PATRÍCIA: Quem tem que te contar uma coisa sou eu, senta aí amiga...

AMANDA: Como assim!?

PATRÍCIA: Não vou rodear muito não. É... Eu tô grávida!

AMANDA: Patrícia, Patrícia, para de brincar com minha cara...

PATRÍCIA: É verdade... e eu estou muito angustiada...

AMANDA: Pois o meu problema é maior. O seu perto do meu não é nada. Pelo menos o seu assunto é sobre vida. Vida, amiga! O meu caso é pior. É morte! O Juliano tá vindo atrás de mim pra me matar...

PATRÍCIA: Que drama amiga...

AMANDA: Não é drama não, ele tá atrás de mim. Vai bater aqui daqui a pouco. Ele descobriu que estou trabalhando na casa de massagem.

PATRÍCIA: Eu falei pra você parar de fazer programa há um tempo. Tá aí, toma!

AMANDA: Cala a boca, Patrícia! Deixa de ser egoísta. Eu tô aqui falando dos meus problemas. Que um homem tá vindo aqui me matar e você tá aí...

PATRÍCIA: Vai sair um bebê aqui de dentro de mim daqui uns meses. Você tem noção disso?

AMANDA: Faça me o favor, Patrícia. Você teve tempo pra estudar, não precisou trabalhar. Usasse camisinha se não quisesse isso...

PATRÍCIA: Cala a boca. Cala a sua boca! Você não tá entendendo a gravidade. O filho não é do meu namorado...

### Cena 3

*Juliano, namorado de Amanda, esmurra a porta.*

JULIANO: Abre a porta, Amanda...

AMANDA: *(corre atrás de Patrícia)* Eu te falei...

PATRÍCIA: Ela não está aqui não!

JULIANO: Deixa de história, Patrícia. Ela tá sim. Abre a porra dessa porta.

AMANDA: Vai embora, Juliano...

JULIANO: Deixa eu entrar aí, vadia... AMANDA: Eu vou morrer hoje... Juliano consegue arrombar a porta... JULIANO: Você vai me pagar...

AMANDA: Juliano, calma... Vamos conversar... Eu precisava fazer isso, eu precisava. Eu gosto de você...

CRISTIAN: *(entra tentando segurar o amigo Juliano)* Eu te falei pra não entrar aqui, vamos embora pra sua casa agora... Olha o que você tá fazendo... arrombou uma porta... tá quase subindo em cima da sua namorada...

JULIANO: Essa mulher não é minha não. Mulher minha não sai com outros caras...

CRISTIAN: Juliano, você tá com a cabeça quente... outro dia vocês conversam...

JULIANO: *(parte pra cima de Amanda)* Eu vou te matar... Você entendeu... te matar... *(começa a bater em Amanda e ela escapa)*

*Amanda pega uma faca em cima da mesa*

AMANDA: Você sai de perto de mim... se não quem vai te matar sou eu...

CLEIDE: Mas o que que tá acontecendo minha gente? Tô lá com as panelas no fogo e escutando essa gritaria.

CRISTIAN: Quem que é essa doida, gente? Pelo amor de Deus. Sai daquidona, isso aqui é uma conversa de família.

CLEIDE: Menina do céu, o que você tá fazendo com essa faca? Me dá isso aqui. Esse furdunço não faz bem pro neném da Patrícia.

CRISTIAN: Neném? Cê tá grávida? Como assim, grávida? O quê que tá acontecendo gente...

CLEIDE: Ixe... acho que eu falei de mais *(batendo na boca)*.

PATRÍCIA: Ô boca de sacolaaaa!

CRISTIAN: Você tá loca de não me contar?... Também não me importa. Cê vai tirar, né?

WAGNER: Tirar o quê?

CLEIDE: O neném, Wagner... O neném.

Neste ponto congela a cena e o coringa inicia a fala apontando os fatos e esclarecendo dúvidas, além de indicar que o público irá fazer as sugestões de continuidade para o final da peça.

## 5ª ETAPA

**Tema:**

Círculo de conversa: "Essa experiência foi libertadora?"

**Objetivo:**

Esse momento servirá para uma análise mais crítica sobre o tema, na busca dos "porquês", como um processo de desconstrução do olhar ingênuo do educando para a formação de uma visão mais crítica da realidade, para a definição do tema gerador.

**Tempo:**

Estipula-se dois horários consecutivos de 50 minutos cada, totalizando uma hora e quarenta minutos.

**Metodologia**

Inicie essa etapa a partir da seguinte pergunta: "Essa experiência foi libertadora?"

Antes de começar a discussão, realize uma dinâmica e intitule-a: "nossa história real", com o objetivo de deixar os estudantes mais a vontade e que possam expressar mais facilmente suas ideias. A dinâmica consiste em começar contando uma história, para em seguida o colega do lado, continuar onde o anterior havia sido interrompido, até que todos contribuam. A partir daí inicie a discussão, considerando a peça teatral apresentada, e também alguns pontos citados na dinâmica.

## Alguns lembretes



Sabe-se que toda e qualquer metodologia pedagógica que trabalha com grupos escolares está sujeita a mobilizar algum conteúdo pessoal de qualquer um dos envolvidos. Assim, trabalhar o Teatro-Fórum é fazer com que a peça teatral afete os indivíduos, estimulando-os ao envolvimento emocional com as questões sociais dramáticas voltadas para o cotidiano, principalmente ao possibilitar que expressem suas ideias e opiniões.



Lembrando que esse guia didático serve como apoio, como referência, pois cada situação é única e exige adaptações na realização e no roteiro da peça.

## Produto educacional em vídeo

**Segue o vídeo explicativo que poderá ajudar você professor, como apoio ou referência.**

Clique no link abaixo



<https://youtu.be/MT5j-ayNcU0>

O VÍDEO ESTÁ DISPONÍVEL EM: [youtu.be/MT5j-ayNcU0](https://youtu.be/MT5j-ayNcU0)

## Referências

- BOAL, Augusto. Hamlet e o filho do padeiro: memórias imaginadas. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- BOAL, Augusto. Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- \_\_\_\_\_. A estética do oprimido. Rio de Janeiro: Garamound, 2009
- BOAL, Augusto. Boal sobre Paulo Freire. 2018. Disponível em: <http://augustoboal.com.br>. Acesso em 03 março 2022.
- BOAL, Julián. Um teatro subjuntivo. In: BOAL, Augusto. Teatro do oprimido e outras poéticas políticas. 1. reimp. São Paulo. 2014, p. 209 – 217.
- COSTA, J. M.; PINHEIRO, N. A. M. O ensino por meio de temas geradores: A Educação pensada de forma contextualizada, problematizada e interdisciplinar. Paraná, 2013.
- CRUZ, R.; BIGLIARDI, R.; MINASI, L. A dialética materialista de Paulo Freire como método de pesquisa em Educação. Conjectura: Filosofia e Educação. Caxias do Sul, v. 19, n. 2, maio/ago 2014. p.40-54.
- FREIRE, A. M. A. A voz da esposa: a trajetória de Paulo Freire. Instituto Paulo Freire. Disponível em: <http://www.paulofreire.org>. Acesso em: 15 nov. 2022.
- \_\_\_\_\_. Pedagogia da libertação em Paulo Freire. São Paulo: Edunesp, 2001.
- \_\_\_\_\_. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- \_\_\_\_\_. Pedagogia do oprimido. 48 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- \_\_\_\_\_. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 50. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.
- MORAES, M. A. Entre a Metaxis e a filosofia da Práxis: Teatro do Oprimido- Perspectiva para o Teatro na Educação. São Carlos, SP. 2015.